

**PINTURA |
OBRA PÚBLICA
(1982-2016)
VICTOR COSTA**

Ficha técnica

Centro de Arte de S. João da Madeira

Oliva Creative Factory
Rua da Fundação, 240
3700-119 S. João da Madeira
www.centrodearte.pt

Diretora

Raquel Guerra

Secretariado

Maria do Céu Oliveira

Equipa Pedagógica

Andreia Couto (Desenho), Aníbal Lemos (Fotografia), Armando Aurélio (Pintura) e Sofia Neto (Banda Desenhada)

Comunicação

Liminal Ars

Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory

Oliva Creative Factory
Rua da Fundação, 240
3700-119 S. João da Madeira
www.olivacreativefactory.com

Diretora

Raquel Guerra

Conservadora

Ana Guimarães dos Santos
Daria Semco (estagiária)

Produção

Alzira Silva
Vera Santos

Serviço Educativo

Constança Araújo Amador
José Rosinhas
Luisa Vidal

Assistentes de Sala

Alzira Silva
Ana do Carmo
Ana Moreira
Carlos Oliveira
José Teixeira
Maria João Araújo
Pedro Cunha (estagiário)
Pedro Gonçalves
Regina Macedo
Vera Santos (coordenação)

Publicação

Pintura | Obra pública (1982-2016),
Victor Costa

Edição

Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory e Centro de Arte de S. João da Madeira

Coordenação executiva

Raquel Guerra
Victor Costa

Coordenação editorial

Raquel Guerra
Victor Costa

Textos

Laura Castro
José Luis-Porfírio
Manuel Ferreira da Rocha
Raquel Guerra
Ricardo Figueiredo

Fotografia

Aníbal Lemos

Copyright

Imagens: Aníbal Lemos
Textos: os autores

Edição gráfica e paginação

Tiago Restivo

Impressão e acabamento

Greca - Artes Gráficas

Tiragem

500 / nov 2016

ISBN

978-972-8527-02-0

Exposição

Pintura | Obra pública (1982-2016),
Victor Costa

Uma coprodução do Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory e do Centro de Arte de S. João da Madeira

Coordenação

Raquel Guerra

Produção

Alzira Silva
Maria do Céu Oliveira

Imagem gráfica

Tiago Restivo

Montagem e instalação

Interface - Serviços Culturais

Local

Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory, S. João da Madeira

Datas

12 de novembro, 2016
a 27 de fevereiro, 2017

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer a todos os colecionadores que emprestaram obras para a realização deste projeto.

Nota:

José Luis-Porfírio, Laura Castro e Victor Costa escrevem segundo a ortografia da norma europeia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.



Índice

p. 9

Prefácio

Ricardo Oliveira Figueiredo

p. 11

Centro de Arte de S. João da Madeira - o Departamento de Artes Visuais da ACAM

Manuel Ferreira da Rocha

p. 13

Centro de Arte de S. João da Madeira – Independência e Rigor

Raquel Guerra

p. 14

O espaço e o corpo na obra recente de Victor Costa

José Luis-Porfírio

p. 17

No fio do tempo.

Laura Castro

p. 18

Pintura

p. 31

Entre os anos 80 e os anos 90. A fundação do campo pictórico

Laura Castro

p. 32

Pintura

p. 51

Na passagem de século - anos 90 a 2007. Pintura, viagem e identidade

Laura Castro

p. 52

Pintura

p. 93

De 2008 em diante. A Pintura e a construção do mundo

Laura Castro

p. 94

Pintura

p. 132

Obra pública

Escola EB 2/3 de Arrifana

p. 134

Obra pública

Estádio Afonso Henriques, Guimarães

p. 138

Obra pública

Parque de estacionamento, S. João da Madeira

p. 144

Obra pública

Viaduto, S. João da Madeira

p. 146

Obra pública

Jardim público da Câmara Municipal, S. João da Madeira

p. 152

Obra pública

Salão Nobre da Câmara Municipal, S. João da Madeira

p. 154

Obra pública

Fábrica Simoldes, Valenciennes, França

p. 156

Obra pública

Igreja S. Lázaro, Braga

p. 160

Obra pública

Capela de Nossa Senhora de Fátima, Parrinho, S. João da Madeira

p. 164

Obra pública

Igreja de Ribeirão, Famalicão

p. 172

Obra pública

Igreja de Barcelinhos, Barcelos

p. 176

Obra pública

Farmácia St.º António, Urgeses, Guimarães

p. 180

Obra pública

Central Lobão, Santa Maria da Feira

p. 182

Victor Costa

Biografia

p. 186

Índice de obras

Prefácio

Neste ano se completam 90 anos de emancipação concelhia de S. João da Madeira, sendo os últimos 30 acompanhados por uma instituição sanjoanense fundamental para o crescimento e dinamização cultural da cidade, na formação de jovens e no seu lançamento como artistas, bem como na criação de públicos no universo das artes plásticas.

O sucesso primordial do Centro de Arte espelha-se na criação de uma consciência de cultura na cidade que desde logo conseguiu impulsionar, a ponto de se poder considerar precursor da explosão que a cultura viria a ter nos últimos anos em S. João da Madeira. O Centro de Arte tem pois, nesta dimensão, um papel central em articulação com o Município, que lhe reserva sempre grande relevância na consagração de um efetivo serviço público de cultura como instrumento de uma estratégia de cultura para a cidade.

Simultaneamente o Centro de Arte - organismo da Associação Cultural Alão de Morais - projetou-se no plano regional e nacional como uma referência de qualidade, de equilibrada gestão do investimento público em cultura, granjeando o respeito dos seus parceiros.

Toda esta obra foi sendo assinada ao longo de 30 anos por um lutador da cultura, por alguém que deu a sua vida por este projeto, e que simultaneamente sempre soube trazer ao projeto muitos outros contributos.

O Professor Victor Costa partilha com S. João da Madeira a sua paixão pela arte, como pintor, como professor e dedicando-se durante 30 anos ao Centro de Arte e a S. João da Madeira, cidade que escolheu adotar e na qual se tornou referência incontornável da cultura.

Os 30 anos do Centro de Arte são por isso momento de reconhecer e celebrar esta dedicação, ao mesmo tempo mostrando a qualidade da obra artística de Victor Costa, nesta exposição retrospectiva da sua obra, uma iniciativa a que o Município sanjoanense orgulhosamente dá corpo, através do Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory.

Ricardo Oliveira Figueiredo

Presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira

Centro de Arte de S. João da Madeira - o Departamento de Artes Visuais da ACAM

A Associação Cultural Alão de Morais (ACAM) foi fundada em 1986, agrupando três departamentos que se dedicam às Artes e às Letras: a Academia de Música de S. João da Madeira, o Instituto de Línguas Helena Nicolau e o Centro de Arte de S. João da Madeira.

Estas três instituições, que se complementam, são já vetustas. O Centro de Arte, departamento sobre o qual nos debruçamos agora, comemora o seu 30º aniversário. O papel fundamental que este departamento da ACAM desempenhou (e desempenha) na divulgação da arte nesta região é para nós motivo de grande orgulho. Com as atividades desenvolvidas pelo Centro de Arte de S. João da Madeira sentimos que estamos a cumprir a nossa missão.

Não queremos deixar de prestar a nossa homenagem ao fundador e diretor por 28 anos desta magnífica Instituição. Ao Victor Costa agradecemos o trabalho, o empenho e a dedicação a esta causa.

Manuel Ferreira da Rocha

Presidente da Direção da ACAM

Centro de Arte de S. João da Madeira – Independência e Rigor

Em 1986 inaugura em S. João da Madeira um espaço dedicado à arte contemporânea - o Centro de Arte. Espaço pioneiro, inovador e de vanguarda, assumia-se (e assume-se) com uma dupla valência: a divulgação da arte contemporânea, através de um intenso programa expositivo, e a formação artística, através de um programa formativo nas áreas da pintura, escultura, desenho, fotografia, banda desenhada, serigrafia, gravura e multimédia.

O fundador e diretor, durante 28 anos, deste inovador projeto foi Victor Costa.

No ano em que a Instituição comemora o seu 30º aniversário, que melhor forma de celebrar esta data tão especial, senão homenagear o artista que deu vida a este projeto? Neste contexto, Município de S. João da Madeira e Centro de Arte lançam o convite ao artista para realizar uma exposição retrospectiva do seu trabalho. Na exposição que agora inaugura teremos oportunidade de ver 34 anos de produção artística. A exposição divide-se em duas secções: pintura e obra pública e, apresenta, pela primeira vez, uma visão global da obra deste autor.

Parece-nos esta uma homenagem justa, necessária, ao artista por detrás do diretor, que colocou em ambas as atividades a mesma atitude – independência e rigor.

Raquel Guerra

Diretora do Centro de Arte de S. João da Madeira

O ESPAÇO E O CORPO

Na Obra recente de Victor Costa

O meu desconhecimento através de um contacto directo do conjunto da obra de Victor Costa tem de algum modo sido compensado pela observação dos seus trabalhos mais recentes, mais exactamente desde 2008, com a série de pinturas e papeis em torno do “tema” dos contentores. Objectos vistos e fotografados em Leixões e logo transformados num exercício de pintura e apresentados em várias exposições, e, depois, a partir de 2013, pela forma ou pelo molde da banheira, proveniente do espólio industrial das ruínas da Oliva em S. João da Madeira, cidade à qual Victor Costa tem dedicado muito do seu trabalho de artista e dinamizador cultural.

Este é um ciclo de pinturas, novo e diferente na sua obra, que se baseia em objectos concretos, formas utilitárias, industriais ambas, ambas contentoras e criadoras de espaço, muito embora com diferente vocação. Dir-se-ia que um artista, com um marcado pendor lírico, observável ao longo de pelo menos, três décadas, numa obra onde a forma e o informe lutam à mistura com signos e sugestões caligráficas independentes, vai à procura de novos pretextos para pintar, pretextos comuns e correntes, concretos o mais possível, que a pintura se encarrega de transformar e, até, de subverter formal e imaginariamente longe cada vez mais das formas industriais e do design que lhe estão na origem.

É certo que na sua múltipla actividade Victor Costa tem sido um homem atento aos problemas do design, porém é esse mesmo conceito que vai transformar-se, dentro da própria pintura e por obra dela, de design a desígnio, de desígnio a desenho e a desenho do desejo, e do desejo do desenho ao fluir da pintura, numa deriva onde o imaginário se impõe cada vez mais.

Os contentores acumulam-se, dobram-se, estendem-se no espaço, simplificam-se e crescem, ortogonais sempre ou quase sempre, como se de pinturas na pintura se tratasse. Formas curvas, presenças de um corpo ausente, as banheiras encaixam uma nas outras,

multiplicam-se, saltam para fora dos moldes e provocam uma cor que invade o espaço vibrando independentemente das suas formas. Assim e pela acção da pintura esse mergulho no concreto se vai transformando numa viagem do imaginário onde, pelo jogo da matéria, da memória e dos afectos, encontro outros pintores que, de bem diferentes modos, se encontraram com estes tão utilitários objectos, são eles José Nuno da Câmara Pereira (n. 1937, Vila do Porto, S. Maria, Açores) e Pierre Bonnard (Fontenay-aux-Roses 1867 – Le Cannet 1947, França))

No principio deste século José Nuno propõe uma série de pinturas volumétricas a que chamou “contentores de paisagem”; grandes caixotes pintados nas suas quatro superfícies verticais que funcionam como vasos do espaço tradicional da exposição. Victor Costa utiliza uma situação oposta, o contentor é apresentado como espaço vazio, disponível para tudo receber e que de facto recebe uma pintura que vai potenciar uma multiplicidade de espaços fechados que, acrescentados uns aos outros, uns nos outros, se transforma numa multiplicação virtualmente infinita sendo neste caso, essa infinitude o próprio trabalho da pintura.

As banheiras de Bonnard contem corpos, ou melhor, sempre o mesmo corpo, o corpo sem rosto e sem tempo de uma única mulher sem idade, Marta de seu nome, que foi longamente a sua companheira; aqui o trabalho de pintura anula e uniformiza um espaço sem dentro nem fora numa vibração contínua; com Victor Costa há uma única forma e um único corpo vazio, o da banheira trabalhada pela cor, pela transparência, pela repetição, pelo desgaste simulado, sempre com a presença forte do exaltante poder transformador da pintura. Perante esta multiplicação de objectos flutuando num espaço que esta pintura de Victor Costa sabe criar ape-tece dizer como António Dacosta disse um dia: “não há passado nem presente. Só há espaço no mundo”!

É mesmo esse o poder da pintura: apresentar-nos o tempo como uma dobra do espaço, uma dobra que

pode ser uma sequência, uma soma tão somada que se transforma em multiplicação numa espécie de vertigem sem fim onde o tempo se vai descobrindo, como ilusão? Como realidade?

Afinal é a nossa pequenez, a nossa, a do nosso corpo e a das coisas, todas elas, contentores, casas, paisagens, e, também, a dos astros, das constelações, quando confrontada com infinitude, quem dá forma àquilo a que chamamos tempo.

A grandeza da pintura é a de, através do seu poder transformador, fazer-nos falar de tudo isto a partir de um contentor vazio ou de uma banheira sem corpo, transformando o que pode ser lido como o exercício formal, que também é, numa meditação sobre o Mundo e o Ser.

José-Luis Porfirio

Arco do Cego, 27 de Outubro de 2016

Nota:

Por opção pessoal o autor não utiliza o acordo ortográfico de 1990

NO FIO DO TEMPO

A história da arte, todos o sabemos, estrutura tradicionalmente o seu discurso mediante um eixo temporal no qual situa e relaciona os objectos artísticos que classifica e caracteriza como pioneiros, modelares ou seguidores, em função de critérios associados à sua origem e ao modo como se desenvolvem. Não é o momento para debater tal procedimento nem para analisar a renovação já ocorrida no seu âmbito.

A crítica da arte, sem instaurar idêntica espessura temporal, baseia parte do seu discurso monográfico na descoberta daquilo que se altera e daquilo que subsiste na obra de um artista, na dose de constância e de errância que pode ser-lhe atribuída. A classificação que resulta deste exercício, embora diversa daquela que a história da arte promove, não deixa de incluir ou de excluir determinadas propostas num quadro de consenso cultural, em função da coerência e firmeza de propósitos, entre outros critérios.

Ao observar o trabalho que Victor Costa apresenta nesta exposição antológica, não pude deixar de evocar os dois modelos e de pensar como se relacionam os eixos da mudança e da permanência na sua obra. O livro que a pretexto da exposição se publica encontra-se pois organizado em termos cronológicos, propiciando um panorama da obra do artista, o seu desenvolvimento e as mutações que foi apresentando. Paralelamente às imagens reproduzidas, uma selecção dos textos críticos, escritos desde 1997 até ao presente, proporciona uma visão abrangente do modo como se consolidou o entendimento crítico deste trabalho.

O jogo entre o que se perde e o que se ganha é um acto contínuo na análise da obra de um artista que nos conduz sempre a um lugar diferente e distante daquele em que nos encontramos, onde o conhecimento é outro. No entanto, no lugar e na circunstância que são os nossos, podemos divisar um pintor que articula passado e presente e os valores que em cada momento se tornaram

dominantes:

a liberdade que vivia na superfície da sua pintura transformou-se numa busca de planos e de marcações mais rigorosas;

a atmosfera fluida que os seus trabalhos ostentavam transformou-se numa densidade pesada e grave;

o espaço museológico que era o seu, em que objectos ou os seus signos pousavam na pintura, transformou-se num espaço que tudo integra, numa malha consistente.

Estas mudanças apenas inferem um artista atento e seguro que faz evoluir a sua obra mediante o nexos que os valores já explorados estabelecem com novos motivos de interesse.

A proporção dos elementos é diversa ao longo do tempo e determinará, provavelmente:

menos tempo e mais espaço,

menos memória e mais presença,

menos celebração e mais vivência directa.

Estas variações apenas nos recordam a natureza não linear da condição artística e do seu carácter investigativo.

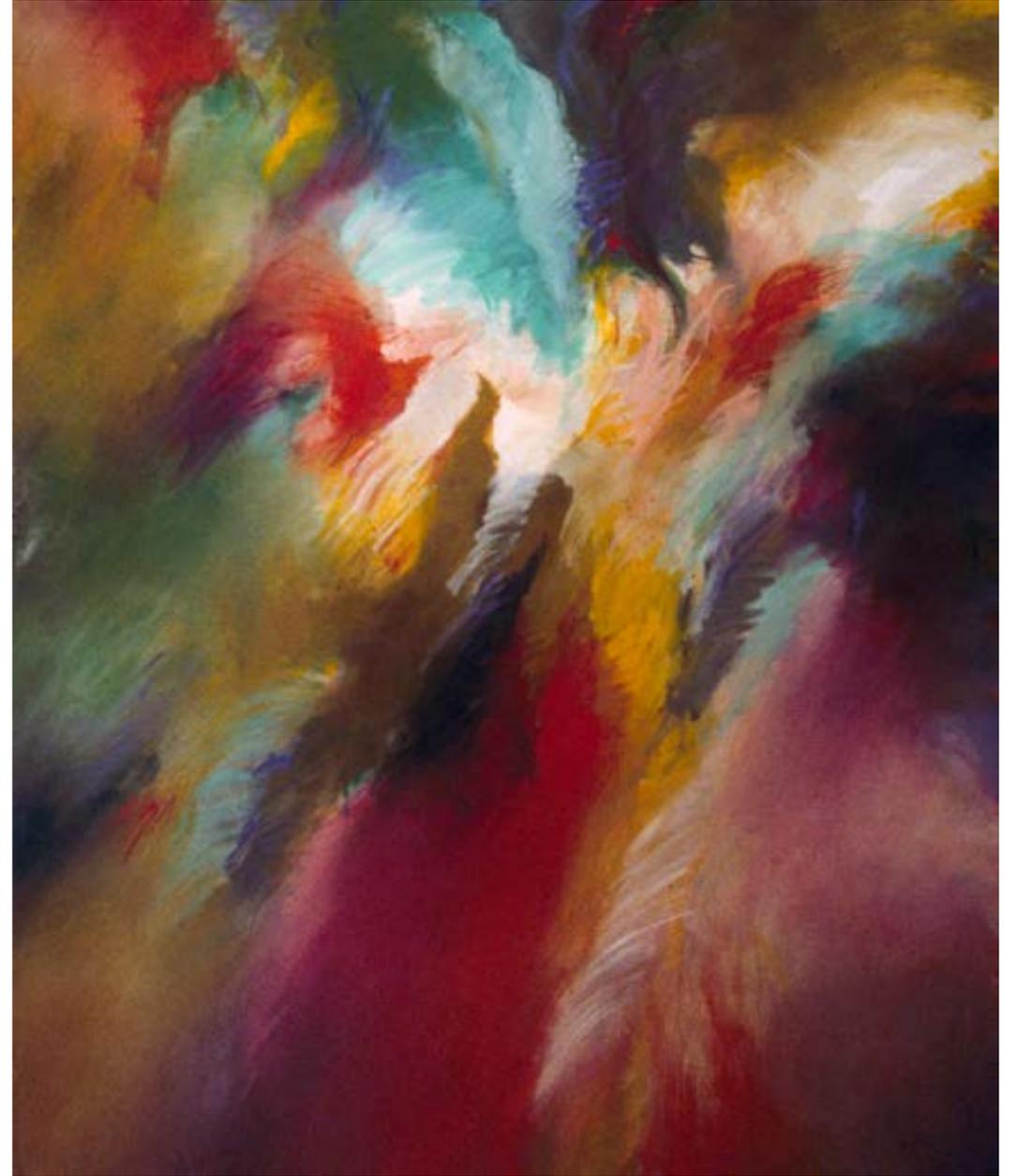
Victor Costa desenvolveu o seu percurso artístico paralelamente a uma carreira como professor da escola em que se formou, a Escola Superior, depois Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Esta actividade acompanhou uma frente de trabalho distinta, onde a formação artística enquadrada pela indústria estava ao serviço da produção de objectos de design. Finalmente a sua presença no meio cultural afirmou-o como director do Centro de Arte de S. João da Madeira, instituição situada na localidade onde reside, responsável por uma programação expositiva de carácter contemporâneo. Impossível seria se a pintura e o desenho produzidos não sofressem as mutações inevitáveis de quem actua nestes domínios e de quem se empenha na criação, na formação e na divulgação da arte.

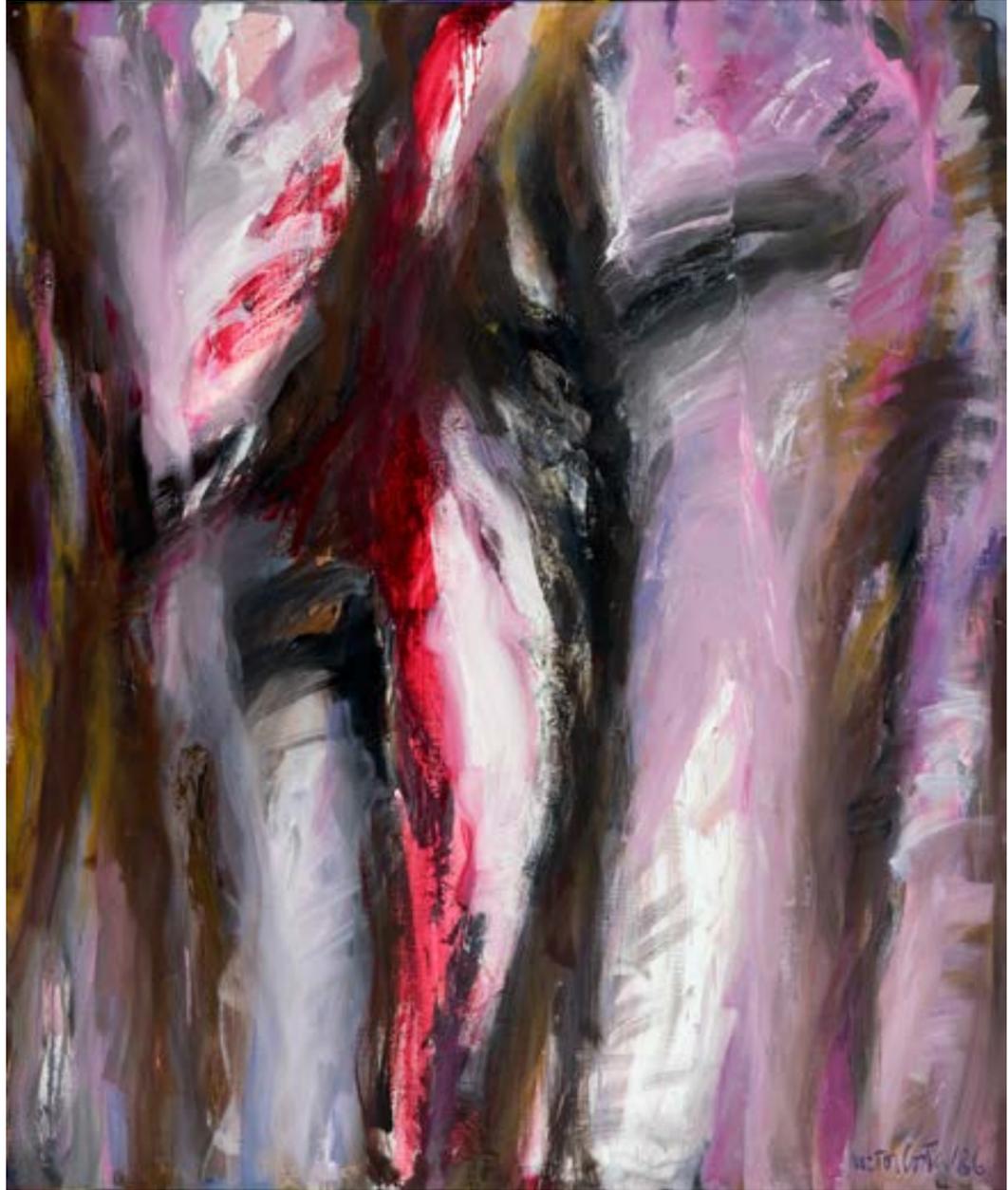
Laura Castro

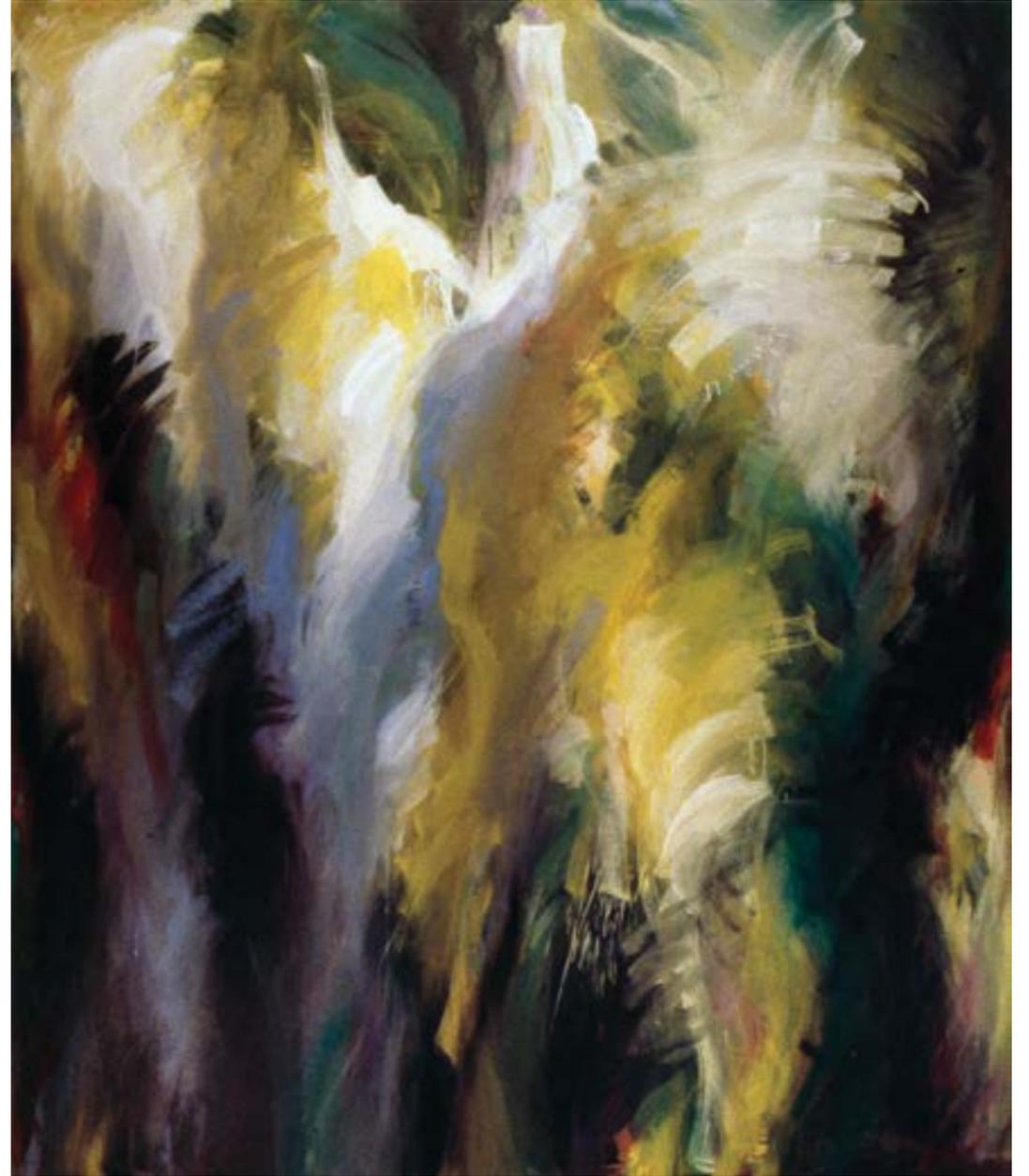
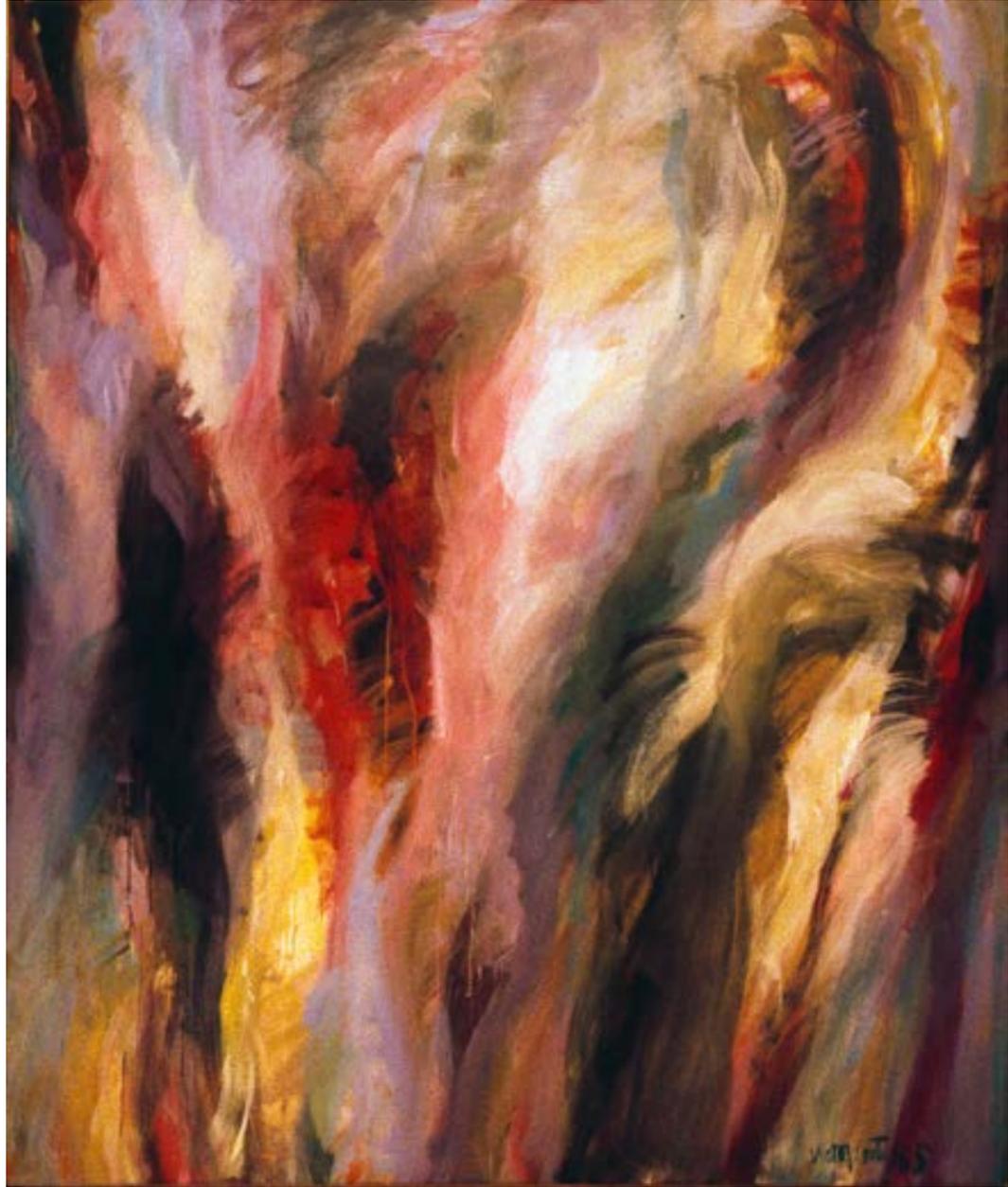
Nov/2016

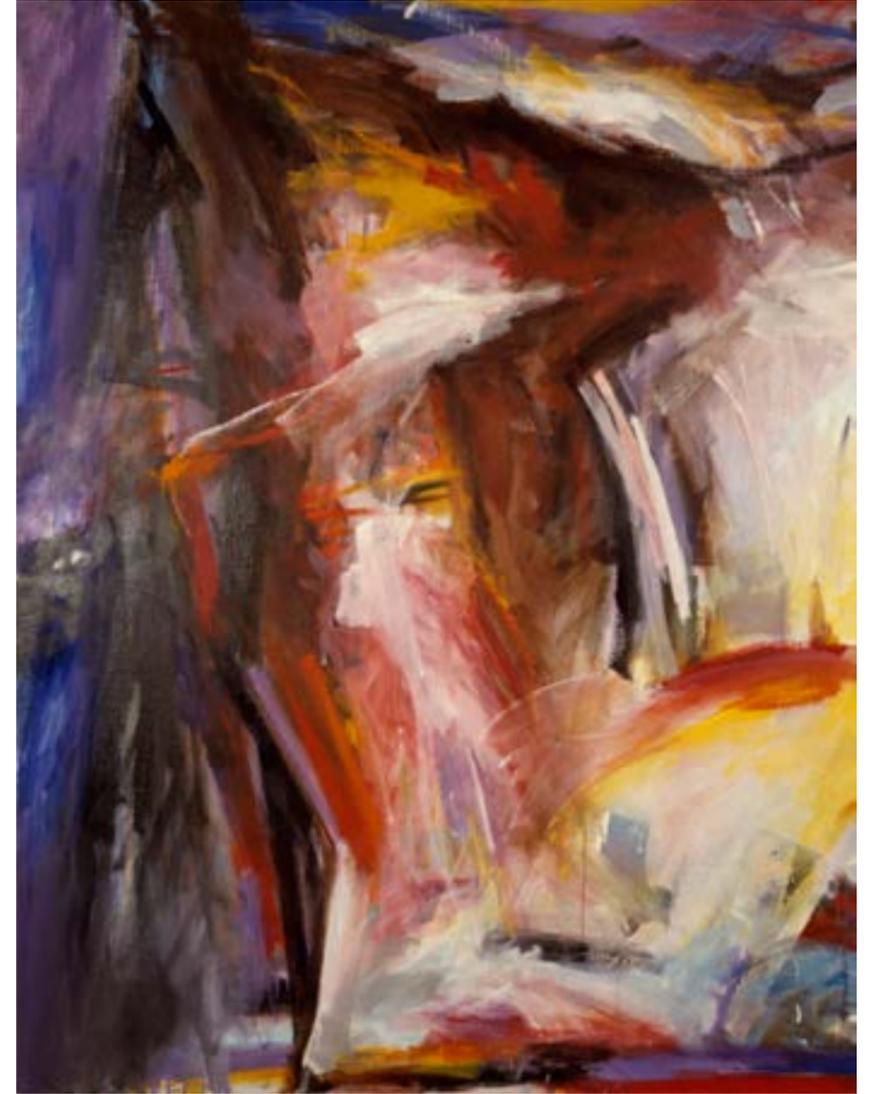
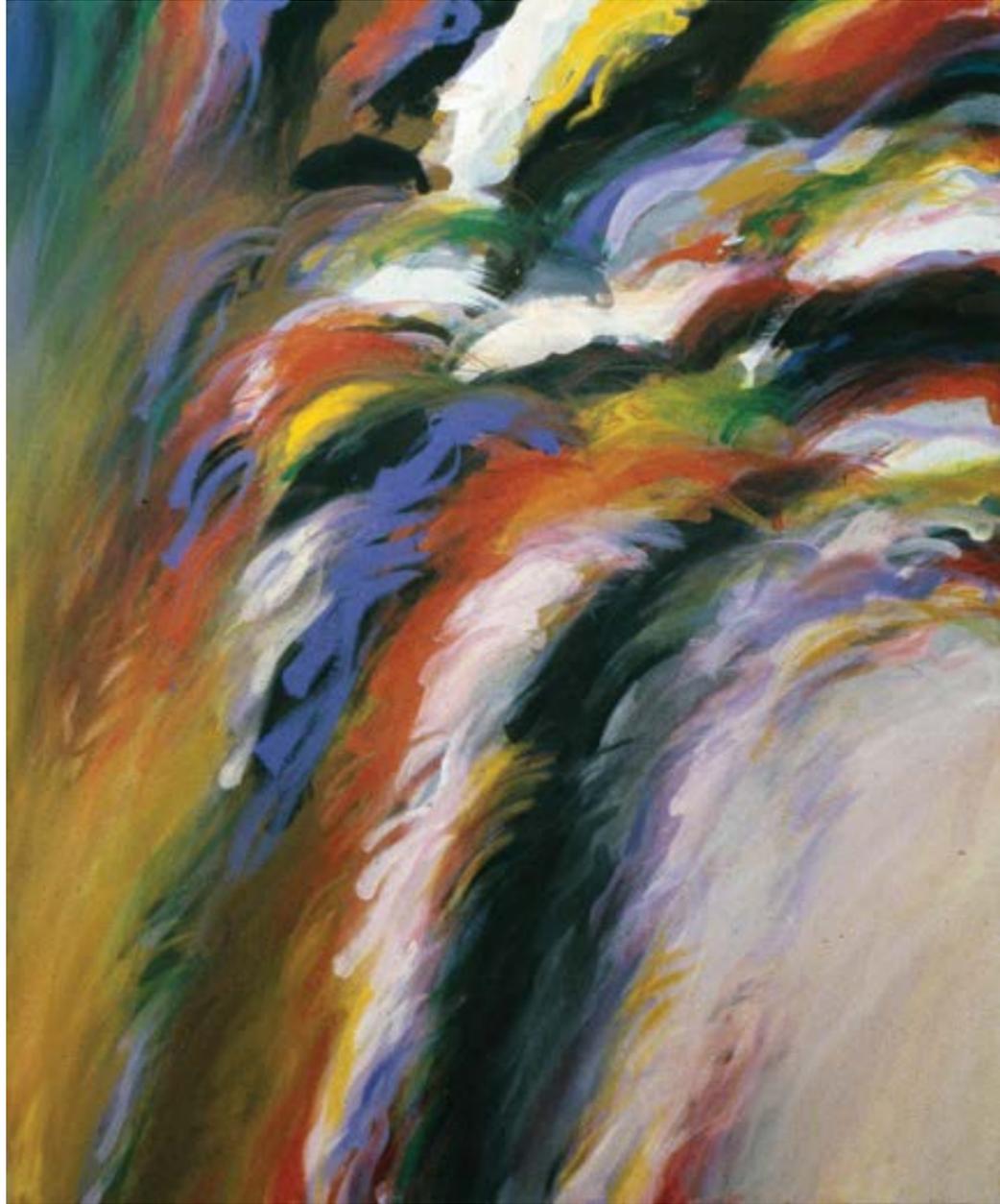












ENTRE OS ANOS 80 E OS ANOS 90 A FUNDAÇÃO DO CAMPO PICTÓRICO

Nos primeiros anos da década de 80, a pintura de Victor Costa desconhecia o poder e a insinuação dos elementos figurativos e alimentava-se de grandes manchas, pinceladas, gestos que fundavam campos pictóricos.

A fluidez da matéria e o sentido rítmico da sua disposição apontam para uma abstracção lírica que muitos artistas formados na Escola portuense de Belas Artes praticavam por esses anos. Percebe-se nos trabalhos iniciais uma prática tributária da aprendizagem académica de que Victor Costa se libertaria em favor de uma linguagem autoral progressivamente afirmada.

A pintura consistia na organização de superfícies onde o pintor se expunha e se revelava na intensidade e na direcção que imprimia a cada movimento feito, a cada gesto esboçado.

Gradualmente foram aparecendo elementos que, não apenas reorganizavam o suporte da pintura, como introduziam uma relação com o mundo, os lugares, a vida, o artista.

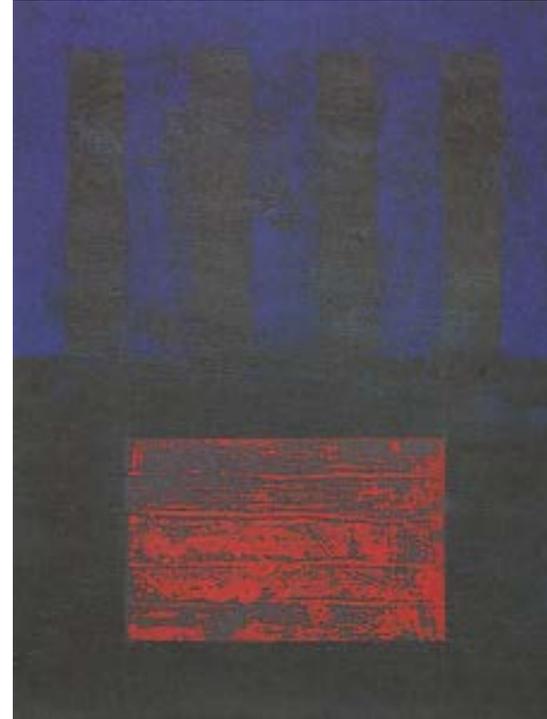
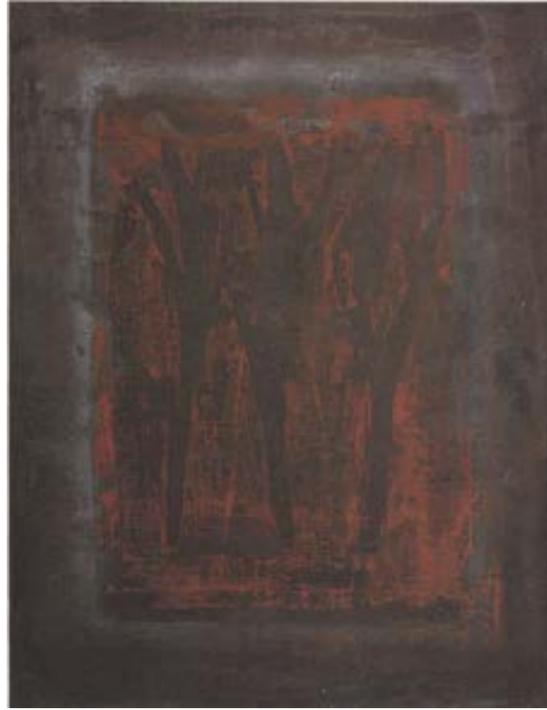
Às áreas abstractas de pintura, tratada de forma orgânica, foram-se sobrepondo, primeiro timidamente e depois com maior evidência, elementos lineares, no apelo a um certo desenho. Alguns autonomizam-se no interior de manchas que configuram um espaço próprio para a sua aparição. E a obra ganhava em densidade e referências, fornecia mais informação e interpelava mais o espectador.

Laura Castro



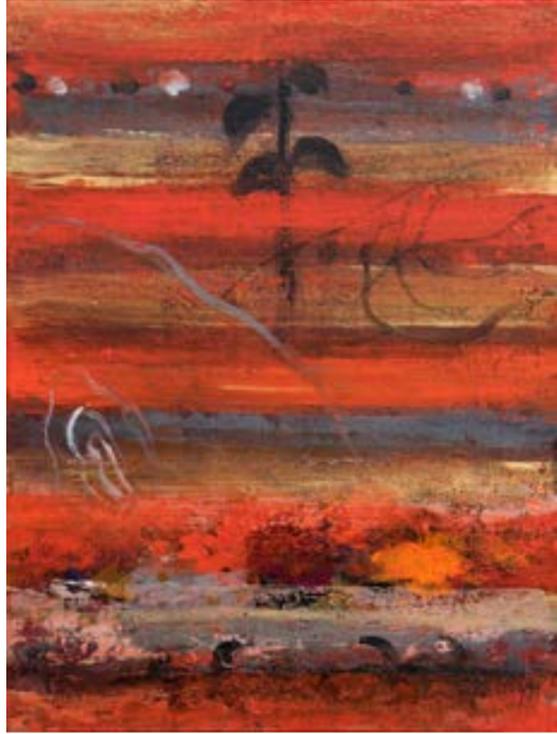
















NA PASSAGEM DE SÉCULO - ANOS 90 A 2007 PINTURA, VIAGEM E IDENTIDADE

Na segunda metade da década de 90 novas configurações invadiam a pintura de Victor Costa. Era o tempo das viagens – Índia, Ilha de Moçambique e outros destinos longínquos – manancial vivo de pretextos para a pintura que levariam a que durante cerca de uma década se assistisse à estruturação de signos, sinais, marcas identificadoras dessas paragens, lançados numa atmosfera pictórica de diferente cunho. Era o tempo em que a memória agia para colocar na superfície da pintura, vestígios do lugar por onde se passou e onde se viveu. Elementos arquitectónicos, decorativos, vegetalistas ou simples notas de cor instalavam-se, emergiam ou sobrepunham-se numa superfície laboriosamente pintada com que dialogavam os sinais de teor gráfico.

A identidade dos lugares acabou por fornecer à pintura de Victor Costa a sua identidade, convertendo o campo pictórico num campo de símbolos criados pelo pintor que tanto remetem para as paisagens geográficas e humanas por onde passou, como para o seu código de identificação. Sem os nomear, os lugares estão lá e a pintura é um modo de a eles aceder.

Laura Castro











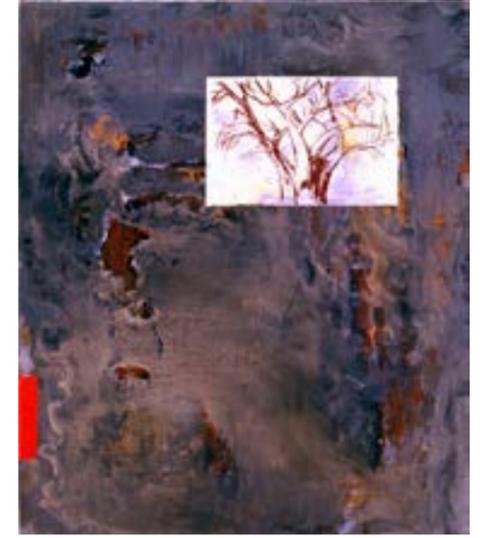




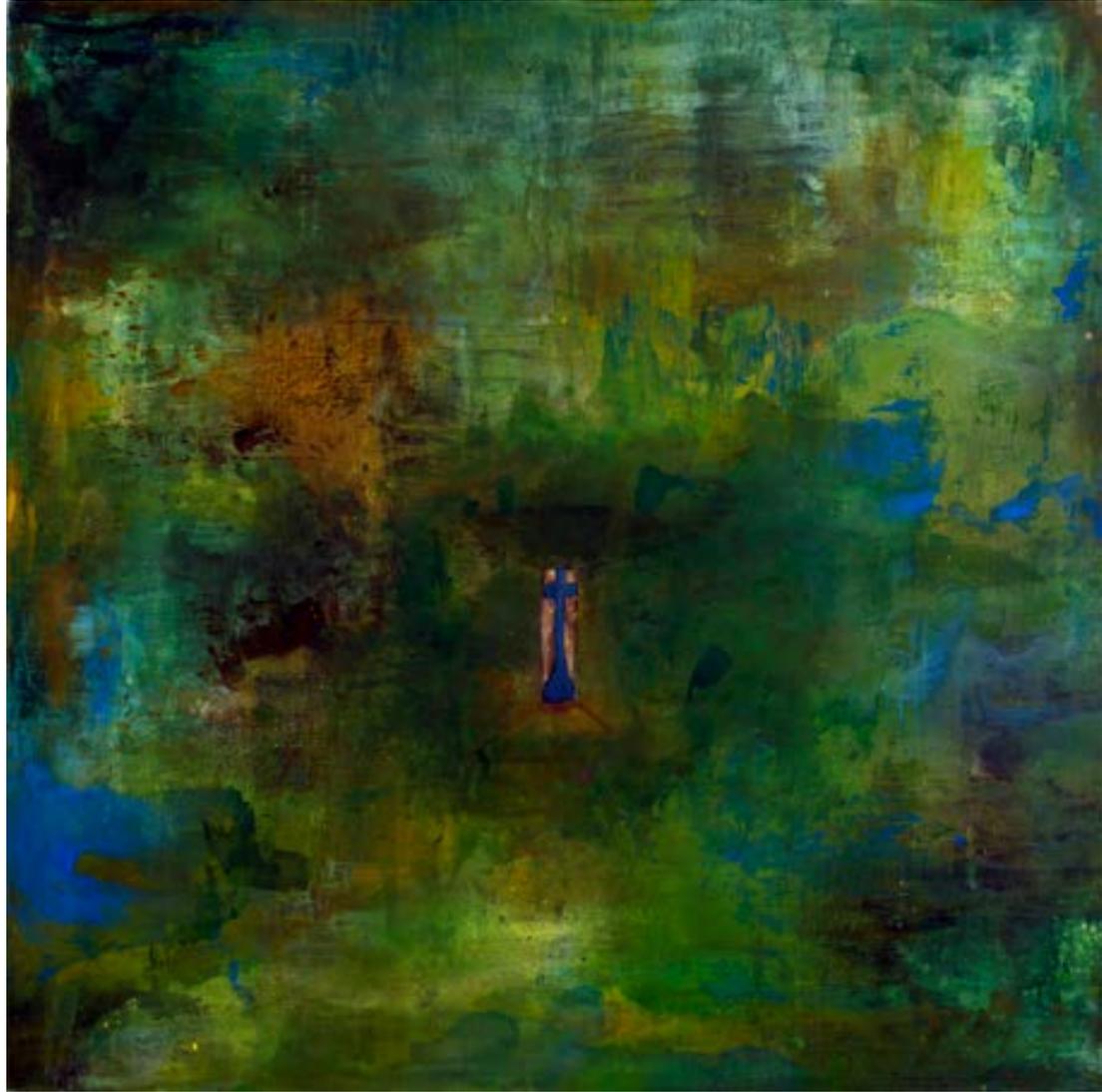


























DE 2008 EM DIANTE A PINTURA E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO

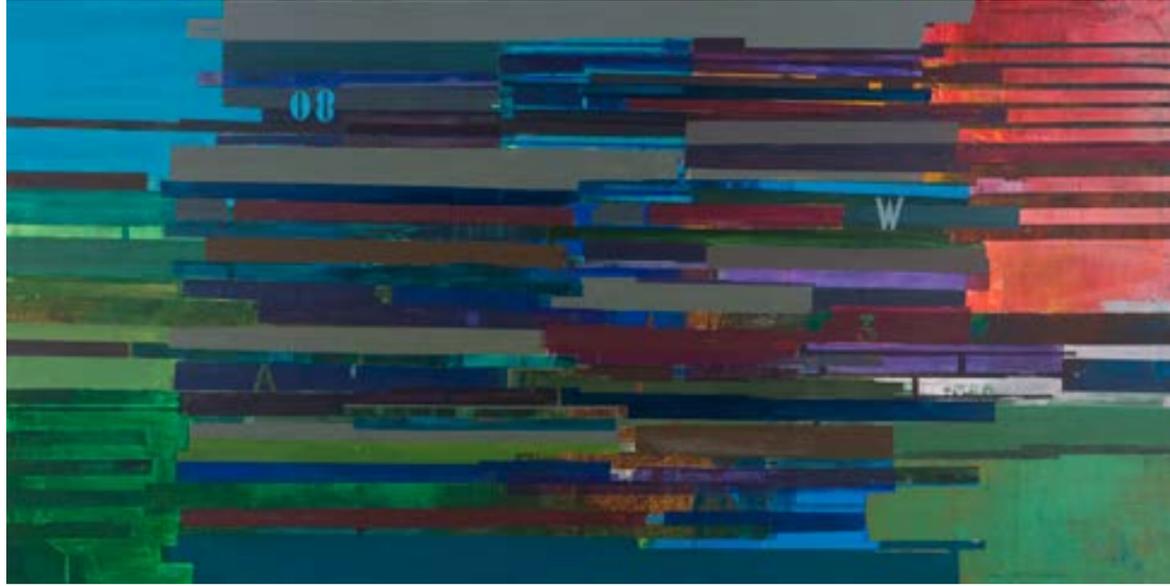
Aí por 2008, formas novas começaram a aparecer no trabalho de Victor Costa, dando origem ao que se encarou como um novo ciclo de pinturas e desenhos. A referencialidade dessas formas leva-nos até ambientes de periferia urbana, núcleos industriais, instalações portuárias, armazéns e entrepostos onde elementos pesados e materiais brutos se avolumam, sobrepostos, encaixados ou pousados lado a lado. Dos contentores do porto de Leixões às peças industriais e de construção, as formas que atraíram a atenção de Victor Costa, trazem em si a força e o poder da sua natureza de módulo e de molde. São formas de valor estrutural que se articulam como palavras numa frase, requerem uma determinada lógica de associação, formam padrões, instauram jogos de cheios e vazios, e de figura e fundo.

Haveria pretexto mais viável para um pintor que sempre explorou a construção da pintura, nas suas camadas, adições, transparências e decapagens? Detecta-se um elemento novo, mas percebe-se que ele foi ao encontro dos interesses do artista porque esses correm subterraneamente e não se alteram com facilidade.

Os elementos plásticos que invadiram a sua pintura, entre geometrias e ritmos, correspondem a objectos existentes fora dela, já se disse. O pintor regista-os, fotografa-os, pára em frente a eles e fixa-os para, mais tarde, os integrar no seu trabalho. A dimensão estética funda-se na experiência e no vínculo com a vida.

Haveria motivo mais praticável para um pintor que sempre retirou da viagem aspectos destinados à sua obra, depois de essencializados e reconfigurados? Assinala-se um elemento novo, mas a deslocação do artista pelo território manteve-se no núcleo do seu processo.

Laura Castro







































Escola EB 2/3 de Arrifana

Santa Maria da Feira

O elemento escultórico é composto por um mural com duas frentes e uma janela, bem como por um elemento que sai da janela e se projecta no chão em forma de mesa.

Este elemento será colocado sobre uma estrutura em tijolo e cimento com apoios em ferro e servirá de banco ou mesa para ser usada pelos alunos como um espaço lúdico. Daí a sugestão do tabuleiro de xadrez e o jogo do galo.

O Painel visto de poente, articula um conjunto de elementos que nascem de dois ruídos que se desenvolvem num processo criativo como geradores de outras formas.

Os elementos geométricos, escalas, gráficos, livros abertos, fazem parte do quotidiano da vida da comunidade escolar.

A ligação à escrita faz-se através dos códigos de imagens que o uso do computador trás para o nosso quotidiano. A cor azul assume alguma complementaridade com as cores da escola (amarelo / ocre) e permite uma fácil integração na paisagem quando voltados para nascente (o painel funde-se na paisagem) e a janela traduz mais um quadro na natureza.

O Painel Nascente usa uma linguagem mais próxima da natureza através de alguns elementos icónicos e os mesmos códigos de interpretação da linguagem computadorizada.

A cor amarela / ocre integra-se na escola, quando vista do seu espaço interior e integra-se na paisagem urbana. A projecção da forma da janela assume como que um fragmento que é deslocado para o chão; animando o espaço escultórico e permitindo que esse espaço se torne um espaço apetecido para os alunos.

--

Painéis em Azulejo

Dois painéis de 12,75 m² e uma mesa de 2,25 m²



Estádio Afonso Henriques

Guimarães

O convite do Gabinete Padrão da Oliveira para a criação da “imagem do Estádio Afonso Henriques” levou-me a uma investigação junto da comunidade cultural vimaranense, Biblioteca, Museus e Arquivo Municipal e uma ideia foi ganhando forma, isto é, interessava encontrar um conceito que ligasse o lado histórico da cidade e toda a sua memória à contemporaneidade e que o Estádio transportasse uma imagem com história, marcando a identidade da cidade e do seu povo.

Esta ideia é tornada visível através de ícones como as ameias, a imagem de D. Afonso Henriques e os estandartes.

Ao colocar as ameias em volta do Estádio, colocámo-nos como que no centro do Castelo (o acontecimento desportivo realiza-se no centro de uma muralha. É como que envolvido por uma fortaleza) e os estandartes são ícones de vitória e de festa à semelhança das comemorações medievais.

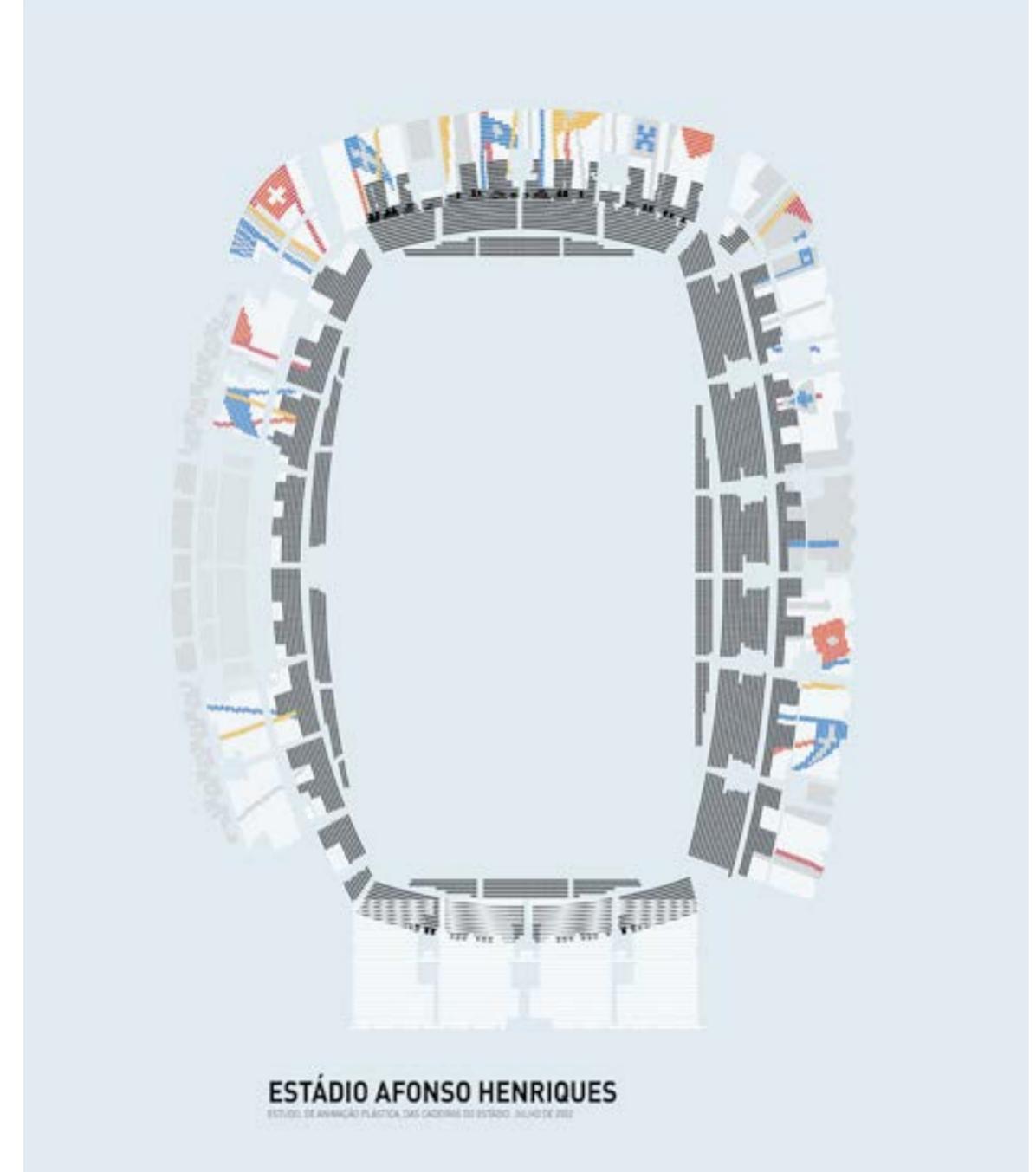
As bandeiras de hoje estão no lugar das bandeiras do passado e o Estádio é um espaço de comemoração e de festa. A imagem de D. Afonso Henriques na nova bancada reforça a identidade.

Esta é a minha marca e o meu contributo para a cidade onde nasci.

--

Cadeiras com Cor

Figuração da “Imagem” do Estádio de Guimarães em cadeiras de plástico em diferentes cores.





Parque de estacionamento

S. João da Madeira

O conceito que envolve o desenvolvimento da proposta, decorre de dois factores:

1. A minha preocupação orientou-se numa primeira fase para a identidade do lugar, procurando nas suas origens algum sentido a evidenciar. Esse procedimento não trouxe qualquer caracterização específica que pudesse suportar uma ideia a desenvolver.

Por outro lado, apesar da proximidade com o Palácio da Justiça e da Câmara Municipal, não me pareceu relevante qualquer aproximação ao nível icónico aos dois referentes, a não ser as relações cromáticas e o facto do desenvolvimento do painel se passar numa área urbana com algumas especificidades a ter em conta.

2. O facto do projecto acontecer na Rua João de Deus, fez com que pensasse articular este projecto com outros dois da minha autoria que se desenvolvem no Edifício da Câmara Municipal (Tapeçaria) e no Jardim Público da Ponte (Painel Cerâmico) contíguos.

Em termos processuais e formais há uma unidade que se evidencia, daí o mesmo processo operativo numa aproximação temática ao calçado e ao chapéu, como dois referentes locais a evidenciar.

Não se trata de apresentar o sentido descritivo da situação mas procurando elementos que se tornam pretexto e origem de algumas das formas que envolvem o painel. As questões cromáticas acentuam as cores ocres, terrosas e verdes numa aproximação e integração com os edifícios envolventes e jardim que cobre o parque de estacionamento.

--

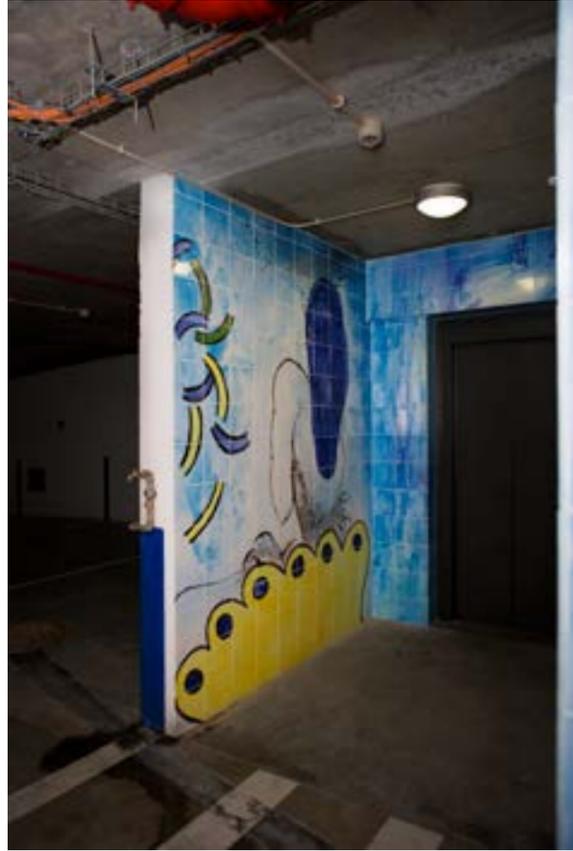
Painéis em Azulejo

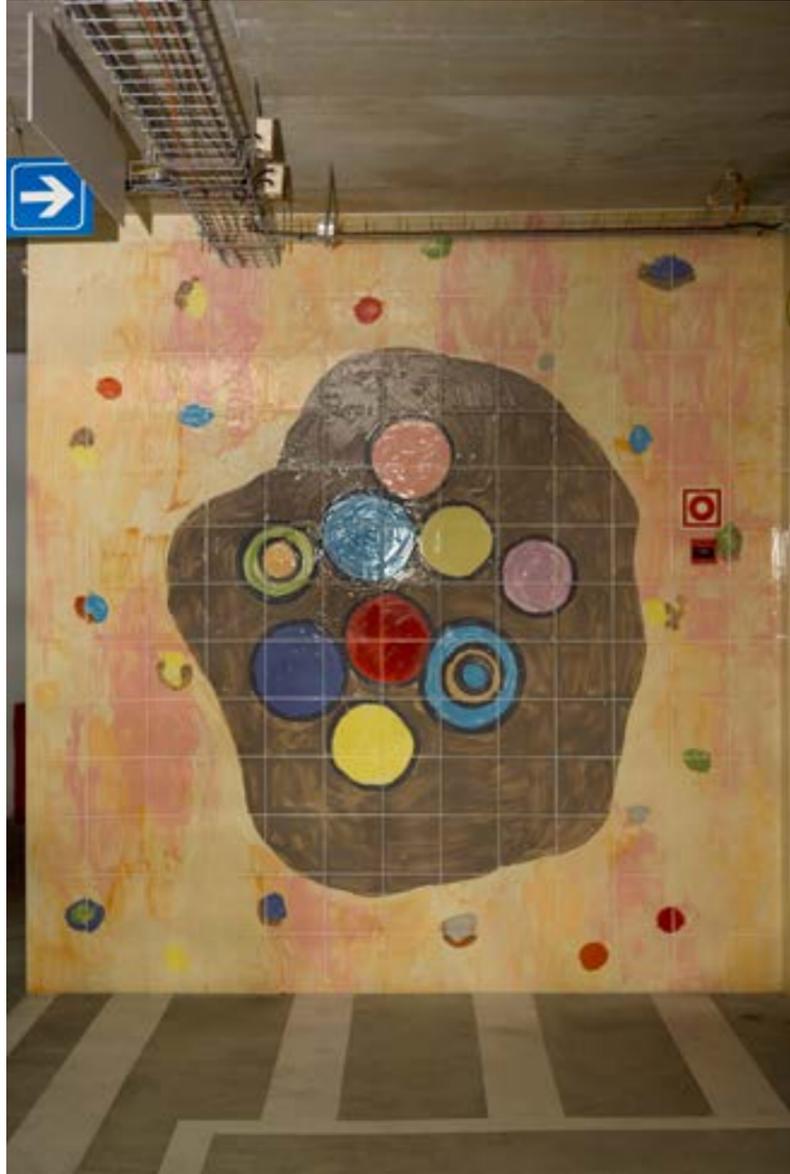
Painel Sul de 46,9 m²

Painel Norte de 21,01 m²

Elemento de ligação de 8,87 m² e entrada do lado direito de 3,37 m²







Viaduto

S. João da Madeira

Estando o viaduto numa entrada nobre da cidade a primeira ideia que está subjacente a este projecto é sinalizar a quem entra que se trata duma cidade criativa e o calçado é o seu principio motor. Aparecem croquis de primeiros estudos deste processo criativo. O croqui é a primeira ideia. O primeiro pensamento... dum processo que envolve a indústria local.

Para quem sai, há elementos vegetais e árvores que se integram na paisagem entretanto organizada no mesmo projecto.

Trata-se de dar aos transeuntes a ideia duma cidade organizada e pensada à volta da indústria, sem esquecer as preocupações estéticas e ecológicas, que na altura era uma preocupação transversal a toda a cidade.

--

Painéis em Azulejo

Pintura sobre Azulejo cerâmico 10 x10 cm



Jardim Público da Câmara Municipal S. João da Madeira

O convite para a criação de um Painel cerâmico para o Jardim Público da Câmara Municipal, introduziu-me num processo que depois de analisado, me conduziu a algumas questões que se relacionam com o seguinte:

1. Para a compreensão da ideia de quem projectou o Jardim nas vertentes do espaço físico e suas envolventes;
2. Para as questões cromáticas;
3. Para a escolha de materiais adequados.

O ESPAÇO FÍSICO E SUAS ENVOLVENTES

O mural proposto, composto por duas frentes contínuas e rematadas com painéis nos extremos, fecha a Norte o Jardim e estabelece uma porta de entrada na sua ligação ao edifício do Município.

Trata-se de uma antecâmara de acesso ao Jardim, dum espaço de fruição pedonal com uma pérgola que no tempo receberá vegetação e que criará no Verão um espaço apetecível para a permanência das pessoas (espaço ideal para a fruição de animação artística), com um espelho de água a coroar o projecto.

Perante tais pressupostos, há uma primeira ideia que gostaria de referenciar. Parti das 4 Estações do Ano para animar a superfície, introduzindo na frente virada para o Município, com ligação orgânica com o espelho de água a Primavera e o Verão, com elementos orgânicos e vegetais (animais, vegetação, elementos marinhos, etc). Na sua relação espacial com o Jardim há a preocupação de acentuar a animação da superfície nos seus extremos, nos dois painéis laterais, porque é nesse prolongamento que vai decorrer a mancha da vegetação do Jardim (os painéis devem “somar” visualmente ao Jardim). As colunas deste painel têm alguma animação, menos forte, dado que no seu prolongamento a vegetação será menor.

Quando nos viramos do Jardim para o Edifício da Autar-

quia encontramos uma frente de painel, rematada a Nascente e Poente com dois painéis que denomino Inverno e Outono.

As colunas desta frente de painel receberão sinais e texturas sem grande expressão visual ao nível da forma e da cor, dado que a ideia dominante é a sua integração visual no edifício.

Não esquecer as colunas de 85 cm que dividem o espaço e o retalham, não sendo de acrescentar grande “ruído” visual.

CROMATISMO

Na frente de que falamos, a escolha da cor dominante, com terras, ocres, castanhos, laranjas, etc permitem-nos fazer uma integração fácil quando se olha o edifício e o painel Poente remete-nos para o Outono.

Ao tons azuis com predominância dos cobaltos, aparecem como cores complementares ao edifício e nesse sentido temos uma harmonia cromática esteticamente adequada. Os tons mais frios, com a árvore central despida e os brancos neve a envolver, ligam-nos ao Inverno.

MATERIAIS

A escolha do material grês cerâmico decorre do facto de ser um material da região e todo o processo de execução manual, desde a feitura das placas até à minha intervenção em todo ele, lhe dará um “toque” manual que terá outro “sabor” ou “carácter” artístico que a manufactura mais industrial lhe retiraria. Foi meu propósito na escolha do material, ser notório o facto de o jardim ter uma parte bastante visível de muros e suportes em pedra com alguma rusticidade, rematado a Norte com o edifício coberto com materiais nobres e polidos. Penso que o painel faz a ligação harmoniosa destas duas componentes.

As marcas e sinais que aparecem nos 4 painéis e que decorrem da ideia de colagem, são a identificação e o carácter da minha obra.

Para concluir, foi minha ideia animar uma superfície dum espaço esteticamente interessante e com grande qualidade, que se integre facilmente nas suas envolventes, que ao nível estético obtivesse um apoio maioritário de quem o vê e o vai fruir, com as marcas e sinais que são referência da minha obra, sem qualquer cedência ao nível estético e artístico.

--

Painéis em Azulejo

105 m² em Grês Cerâmico.

Quatro painéis (Primavera, Verão, Outono e Inverno).

Colunas de 85 cm que dividem o espaço.





Salão Nobre da Câmara Municipal

S. João da Madeira

O trabalho apresentado tem a sua estrutura de construção apoiada em 2 elementos importantes da Indústria de S. João da Madeira, isto é, o Calçado e a Chapelaria.

Os elementos dominantes na parte superior são planos construídos a partir de partes (gáspeas, etc) dos modelos de calçado com a “forma” central como elemento estruturante principal, aparecendo os desenhos da construção dos sapatos nas partes laterais que funcionarão com linha tracejada e a cheio, através de desenhos directos ou rotações dos mesmos.

A parte inferior constitui um ritmo circular, a partir das imagens dos chapéus numa fase do seu acabamento.

As cores quentes e secas são a envolvente dominante do espaço onde a Tapeçaria vai ser enquadrada.

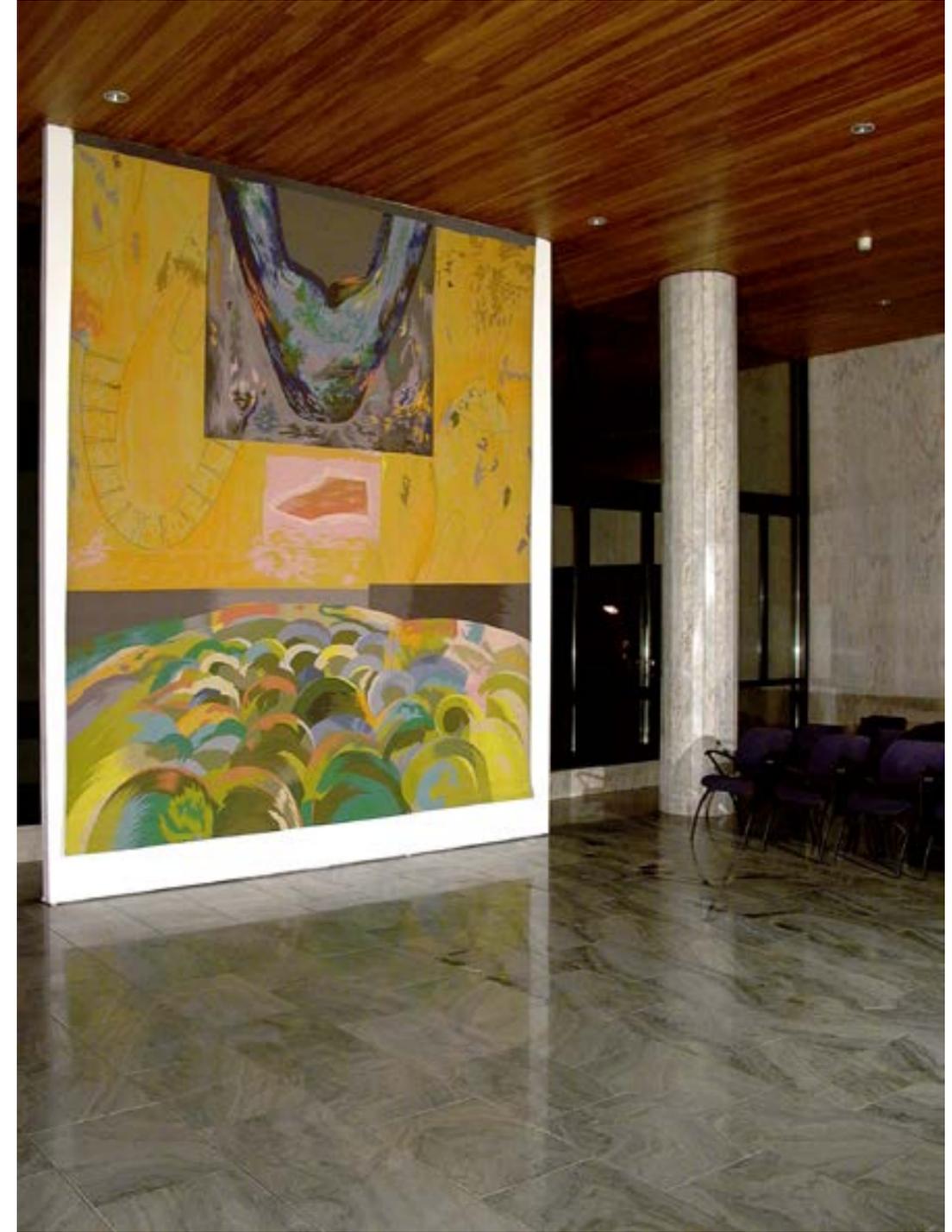
O trabalho aparece suportado por uma estrutura que faz costas com a Tapeçaria, defendendo-a da luz directa, e que terá a cor branca só visível pela parte de trás quando se circula, não interferindo no desenho arquitectónico do edifício, constituindo um elemento decorativo autónomo.

A Tapeçaria aparece levemente levantada, seguindo uma dominante horizontal da estrutura do vitral, o que possibilita a limpeza e conservação da peça.

--

Tapeçaria

421 x 363 cm



Fábrica Simoldes

Valencienne, França

Há a intenção de responder em termos artísticos a uma ideia de qualificar um espaço específico (parede frontal à entrada do novo edifício), através de 2 vertentes. Fazer uma intervenção que marcasse o espaço de uma forma intemporal por um lado, e por outro, que tivesse carácter português (que se sentisse a marca portuguesa na intervenção a produzir).

A partir destes dois princípios, o estudo toma a forma de painel de azulejo que tem como elementos principais, configurações relacionadas com o design da produção da própria empresa, onde toda a organização se desenvolve no sentido de uma integração na arquitectura que o envolve.

Os tons dominantes, azuis atlânticos e amarelos solares, o mar e a caravela assumem uma relação com a história e a tradição portuguesa, uma proximidade com a vocação e o pioneirismo das descobertas portuguesas, relação que neste final de século se estabelece com a vontade de conquistar novos mercados e internacionalização da empresa "Simoldes". Estes elementos provocam relações/diálogos com o cinza do chão que o envolve, a transparência dos vidros e as estruturas metálicas que os suportam.

O material - azulejo cerâmico com dimensões 14x14, da tradição portuguesa é pintado à mão.



Igreja S. Lázaro
Braga

A intervenção é composta por:

1. CRISTO RESSUSCITADO

Em grés cerâmico com a altura de 2,70.

O trabalho é vidrado em branco mate sobre castanho, criando uma atmosfera neutra que recebe as cores dos vitrais que se encontram no lado poente;

2. VITRAL – BEM-AVENTURANÇAS

O vitral assume algum sentido descritivo com a imagem central de Cristo com os Apóstolos;

3. BAPTISTÉRIO

Batismo como rito de imersão – símbolo de purificação e renovação. A água como símbolo da vida espiritual.

A figura de Jesus Cristo que emerge, é comparável à da ressurreição, estabelecendo uma mesma linguagem. No plano estético é também a extensão das outras existentes no espaço da Igreja como a das Bem-Aventuranças e futuros sinais das Obras de Misericórdia.

Os ritmos verticais – fonte – divina com a linha horizontal da água, complementam no plano da composição a ideia de Cruz, sinal marcante no Baptismo.

Os materiais – mosaico – introduzirão no espaço plástico da Igreja, uma memória, que nos transporta à tradição mural religiosa e ao mesmo tempo, dada a natureza do cromatismo, uma ideia de contenção e calma no espírito de síntese que preside à ideia arquitectónica.

Victor Costa / M.Casal Aguiar

--

Escultura Cristo

Cristo Ressuscitado em grés cerâmico com 2,70 m

Baptistério

Vitrais





Capela Nossa Senhora de Fátima

Parrinho, S. João da Madeira

O vitral da entrada é constituído por dois grandes vidros que se encontram nos lados da porta principal e que ocupam toda a largura do corpo da capela. Com este vitral pretende-se cortar a visibilidade exterior/ interior e vice-versa fazendo um filtro através da cor cinza, feita com o ácido sobre o desenho dos Pastorinhos e Azinheiras, como referentes que marcam a entrada na capela chamada de Nossa Senhora de Fátima. Trabalho de gravura sobre vidro. A leitura dos Pastorinhos e azinheiras é feita através da luz exterior ou interior conforme a hora do dia. A cor cinza é próxima do branco de todo o interior da capela o que permite uma atmosfera serena e intimista, permitindo que a atenção se volte para o altar onde aparece a imagem do Cristo em bronze com um patine dourado sobre uma cruz com patine em ouro, desenhada de propósito para o efeito.

O vitral que percorre toda a janela nascente (3x13metros) aproxima-se da ideia do "Milagre do Sol" cujos movimentos das nuvens aparecem em ritmos sinuosos que filtram a luz nascente, criando com as cores azuis, rosas e violetas uma atmosfera intimista, serena e espiritual.

--

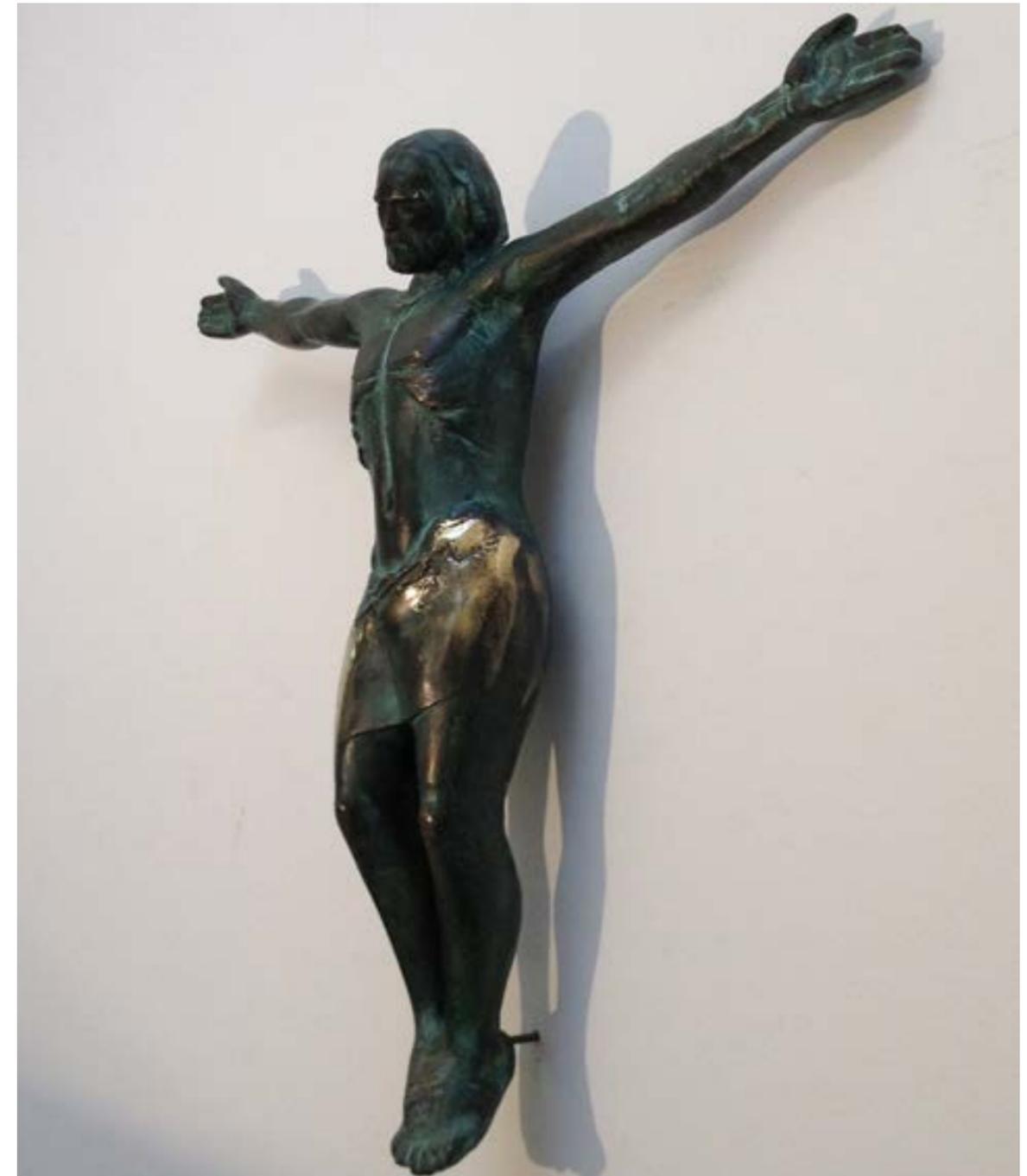
Cristo

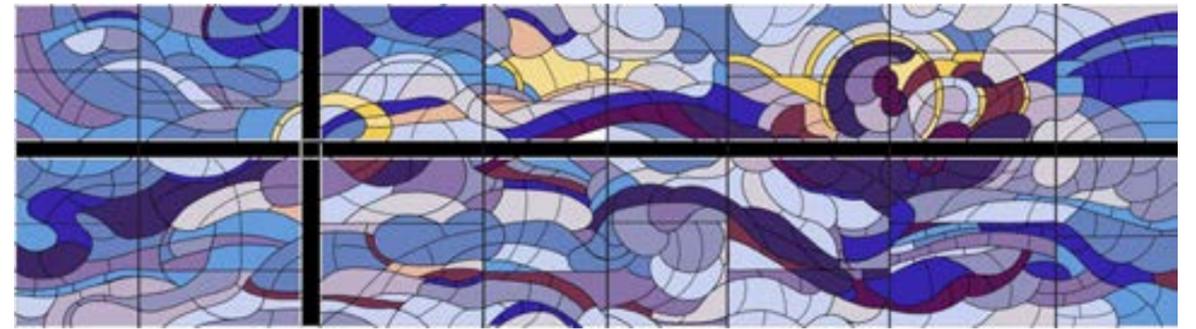
Bronze com patine

Gravuras em vidro

Vitral (estudo)

13,065x3,04m





Igreja de Ribeirão Famalicão

VITRAIS

A ideia principal dos ritmos reflecte a procura em estabelecer relações próximas com o todo arquitectónico, fundamentalmente com os novos aspectos incorporados ao projecto original. Uma nova luz surgirá no interior do templo proporcionando então novas atmosferas de relação entre as formas, estabelecendo climas de harmonia que julgamos poder enriquecer o espaço resultante da nova arquitectura. As formas que preenchem o vitral reflectem a ideia de jardim “Símbolo do Paraíso Terrestre”, do Cosmos do qual é o Centro, do Paraíso Celeste, do qual é a imagem, e também, os estados espirituais que correspondem à ideia do Paraíso – ponto de comunicação entre o Céu e a Terra.

São formas de vegetação luxuriante e espontâneas de cromatismos calmos, que vão desde azuis imateriais a tons quentes de rosa e amarelos dourados, na intenção de estabelecer filtros de intensidades várias.

A explicitação formal, não descritiva, deixará à imaginação dos fiéis, a possibilidade de participarem na interpretação da obra.

PRESBITÉRIO

O retábulo é composto por um grupo de imagens que envolvem um núcleo central – A Ressurreição de Jesus. Jesus eleva-se do sepulcro, calmo, sereno e complacente. Todo o grupo escultórico é moldado em grés – ideia de terra, génese da vida.

As formas e a cor – branco – afastam-se de uma ideia naturalista de representação, procurando-se uma distanciação do quotidiano na procura do transcendente. No altar, numa conjugação simples, a expressão do sacrifício é dada pela presença do Cordeiro Místico, envolvido pela seara – alimento e pão da vida.

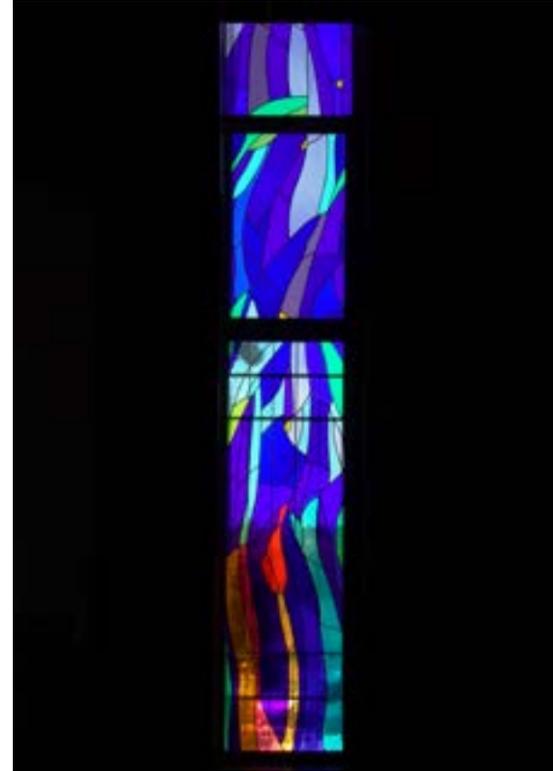
VIA SACRA

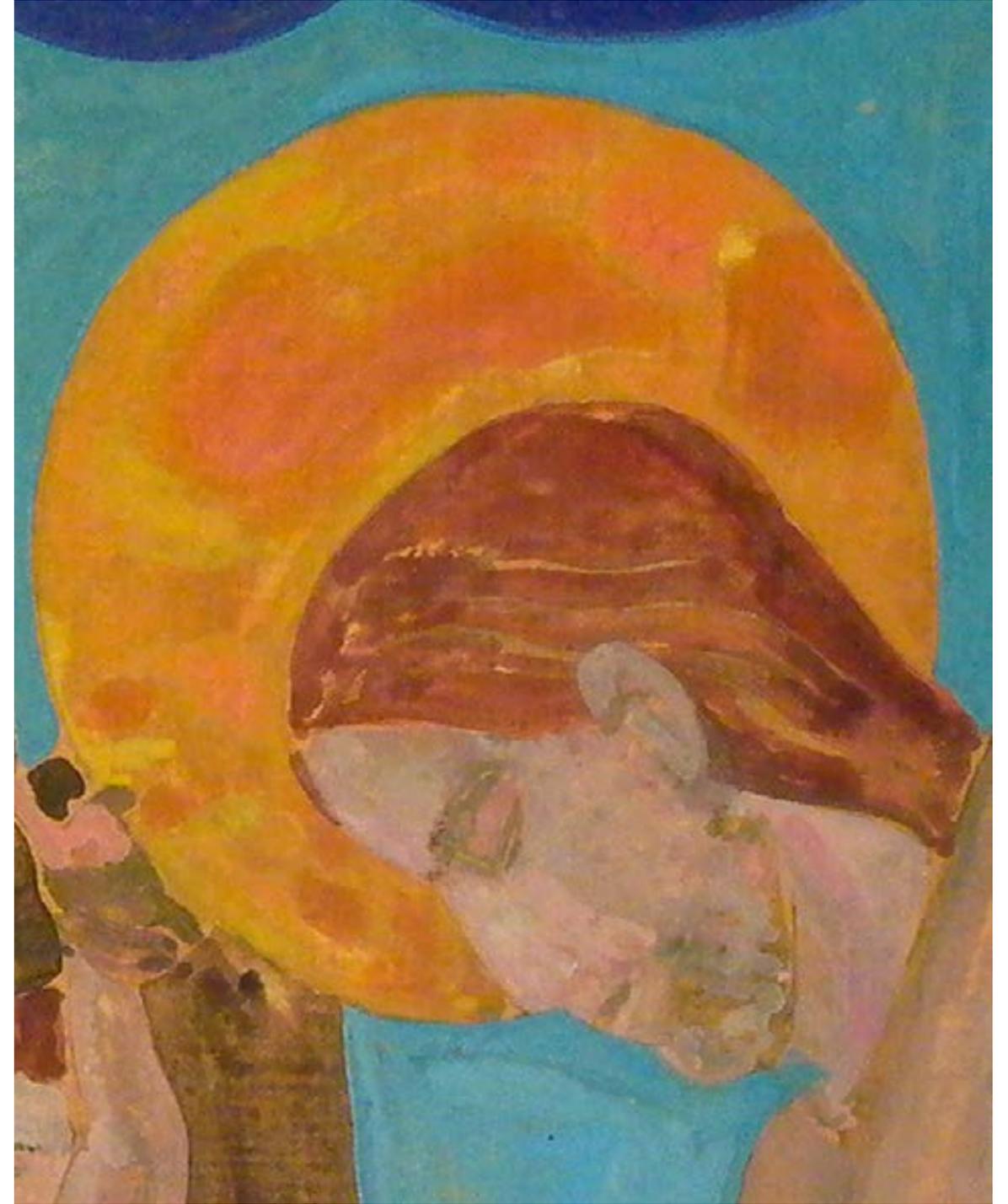
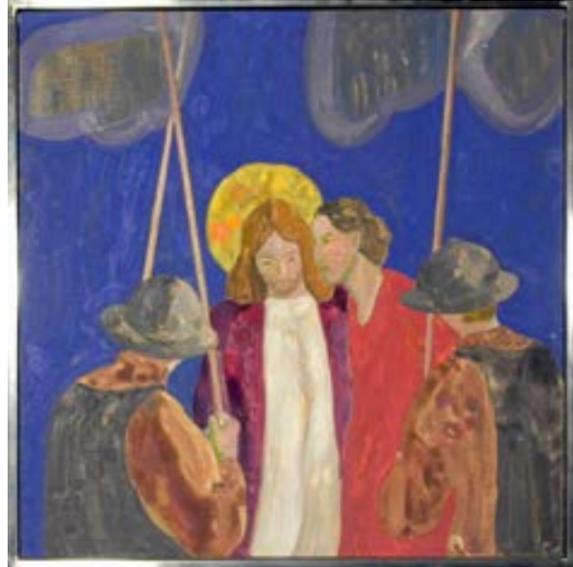
14 trabalhos de 30x30 cms (têmpera sobre madeira) que percorrem os passos da via-sacra, não no sentido descritivo, antes criando uma atmosfera, que é reforçada através de sinais e ícones próprios da via-sacra.

Victor Costa / M. Casal Aguiar









Igreja de Barcelinhos

Barcelos

A intervenção é composta por 3 vitrais:

1. O projecto de um vitral com 2,905 x 1,34 cms (3,892 m2) para a fachada da Igreja de Barcelinhos compreende a composição de uma figura de grande dimensão que ocupa na totalidade o rectângulo vertical da janela.

Trata-se da representação de S.to André, pescador, apóstolo e mártir da Igreja.

A imagem ilustra uma figura de homem forte, segurando um livro/Evangélicos, tendo no plano de fundo a cruz em forma de x do martírio e uma paisagem envolvente de terra, mar e céu. Todos os elementos estão unidos por um cromatismo austero e classicizante de vermelhos, azuis e amarelos (terras), no sentido de obter uma harmonia que respeite e se enquadre na arquitectura do tempo.

Procura-se na forma global da imagem relacioná-la com o Renascimento, tanto no sentido iconográfico como na linguagem global do vitral.

2. Dois vitrais para paredes laterais do Presbitério com dimensões 282 x 152 cm (4,286 m2) e 284 x 152 cm (4,316 m2).

O primeiro vitral contém cenas relativas ao antigo Testamento (Profeta Elias - Livro dos Reis). O segundo tem 3 imagens. Cristo a partir o pão com os Discípulos de Emaús depois da Ressurreição.

Os dois trabalhos participam no diálogo com o vitral da fachada, mantendo o mesmo espírito de igual modo com a estética global do templo.

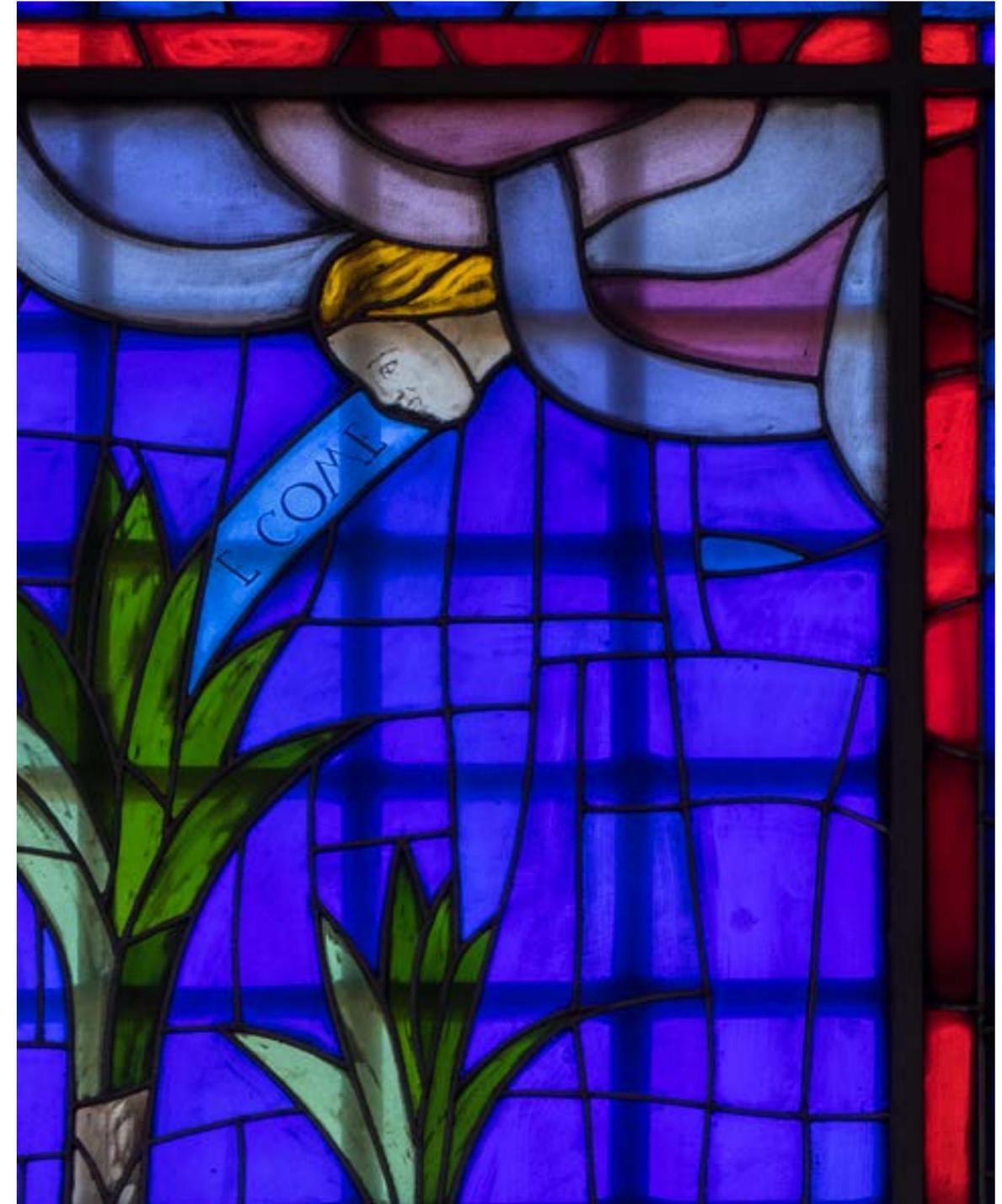
Victor Costa / M.Casal Aguiar

--

Vitrais

Vitral com 2,905 x 1,34 cm para a fachada da Igreja, representação de S.to André.

Dois vitrais para paredes laterais do Presbitério um com 282 x 152 cm, representação do profeta Elias e outro com 284 x 152 cm representação de Cristo e os Discípulos de Emaús.





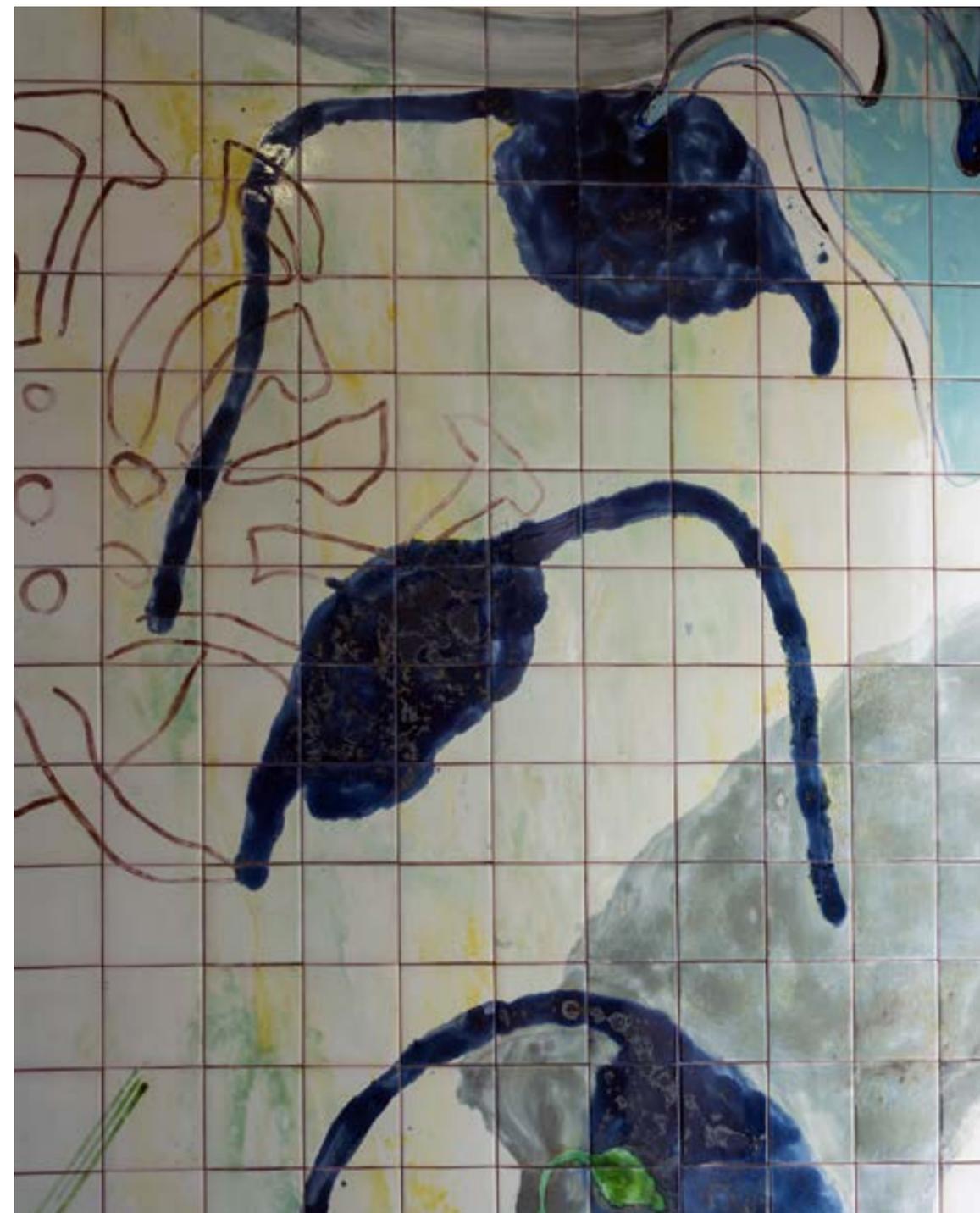
Farmácia S.to António

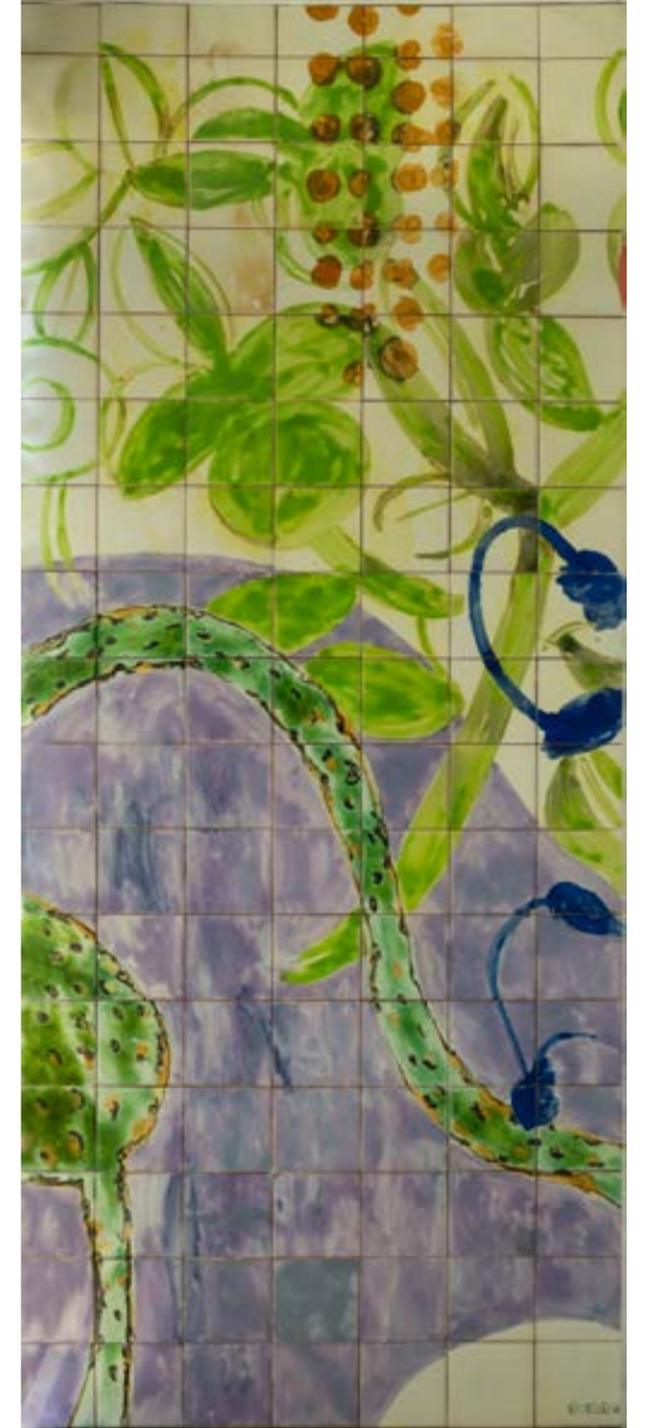
Urgeses-Guimarães

Os estudos preparatórios para o painel cerâmico da Farmácia de S.to António em Guimarães, partem duma investigação teórica e formal a partir de elementos da Botânica e do que cada espécie pode fornecer formalmente para a concepção do que viria a ser o resultado final.

Foram executados 3 painéis, o maior na parede da entrada e os outros dois na montra expositiva, colocados nas paredes laterais.

Os painéis foram executados e vidrados na Fundação Júlio Resende.





Central Lobão
Santa Maria da Feira

--
Acrílico s/ tela
240x420cm



Victor Costa

Nasceu em Urgezes, Guimarães, em 1944.

Foi Professor Associado da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto até 2005.

Director do Centro de Arte de S. João da Madeira de 1986/2014.

1º Director do Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory de S João da Madeira.

Fundador e Membro do Conselho de Administração do Lugar de Desenho/Fundação Júlio Resende.

Presidente da Comissão Executiva das Comemorações do Centenário do Nascimento de Júlio Resende.

Exposições individuais

Realizou exposições individuais na Módulo - Centro Difusor de Arte - Lisboa e Porto; JM/ Gomes Alves e Convívio - Guimarães; Casa da Cultura - Fafe; Cooperativa Árvore no Porto; Centro Multimeios em Espinho; Galeria Espaço Branco em Viana do Castelo; Figueira da Foz-Sala Zê Penicheiro; Palacete Viscondes de Balsemão – Porto; Igreja de S. Vicente em Évora; Exposição de Desenho “Travelling” no Lugar do Desenho / Fundação Júlio Resende; Trabalhos Recentes na Galeria de Exposições dos Paços da Cultura de S. João da Madeira; Geometria Abertas no Auditório Municipal de Gondomar; Under Painting na Galeria do Jornal de Notícias no Porto e Diário de Notícias em Lisboa; Fundação D Luís I em Cascais; Galeria Ao Quadrado em Santa Maria da Feira; Cooperativa Árvore, Porto; Galeria Baganha- Porto; Galeria S Mamede Porto e Lisboa; Weart, Agência de Arte - Aveiro; Galeria Gomes Alves em Guimarães; Galeria Municipal de Matosinhos; Galeria S. Mamede Porto e Lisboa e Sociedade Martins Sarmento em Guimarães.

Exposições colectivas

No país, participou entre outras, nas seguintes exposições colectivas:

1982 - ARÚ'S, 1ª Exposição de Arte Moderna - Museu Nacional Soares dos Reis e S.N.B.A. no Porto e Lisboa, III Bienal de Vila Nova de Cerveira; 1983 - Artistas do Porto sobre Papel - Módulo, Porto, 1ª Exposição Nacional de Desenho - Cooperativa árvore; 1984 - EIAM' 84 - 1ª Exposição de Arte Moderna Campo Maior, IV Bienal de Vila Nova de Cerveira, Pequeno Formato - Cooperativa árvore, Porto, LAGOS / 84 - Lagos; 1985 - 1ª Exposição de Arte Contemporânea - A. Fernando de Oliveira, Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, Eight Portuguese Artists - 1975-1985, The First Decade - Módulo - Lisboa e Porto; 1986 - LAGOS / 86 - 3ª Mostra de Artes Plásticas, Um certo Aroma Surrealista - Museu Nacional Soares dos Reis, Porto, Novas Tendências de Desenho - SNBA, Lisboa, 12 Pintores Contemporâneos - (Módulo), Porto, F.C. Porto 1906-1986 - 80 anos

de Arte no Porto; 1987 - Artistas Portugueses Contemporâneos - Módulo, Lisboa e Porto, Exposição de Pintura - José de Guimarães e Victor Costa - Oliveira de Azeméis, 1ª Mostra de Arte de Vila do Conde, II Bienal de Escultura e Desenho - Caldas da Rainha, MARCA / 87, 1ª Feira Internacional de Arte da Madeira - (Módulo), Funchal; 1988 - LAGOS 88 - Lagos; 1993 - Douro, um rio para quem o merece - Oito artistas num percurso do Douro, Cooperativa Árvore, Porto; Tendências da Arte Contemporânea em Portugal - Museu Municipal de Vila da Feira; ESBAP/FBAUP - 215 anos das Belas Artes do Porto - Museu dos Transportes e Comunicações, Alfândega, Porto; 1994 - África Minha - Caixa Geral de Depósitos, Culturgest, Lisboa; 1995- VIII Bienal de V. N. Cerveira; 1997 - Goa - Palácio Galveias, Lisboa -Lugar do Desenho - Fundação Júlio Resende, Porto. Produção da Fundação do Oriente; 2000 - Malibrito; Participou nas “Projeções na Fachada do Edifício dos Paços do Concelho” no Porto; 2001 - 21Porto 2001 Galeria João Lagoa, Porto e Gaia 2001 - Quinta da Boeira em Vila Nova de Gaia; (+/-) Vinte Grupos e episódios no porto do Séc. XX, Galeria do Palácio, Porto; 2002 – “Os Lugares do Desenho” - Palacete Viscondes de Balsemão; 2003 – Homenagem Eugénio de Andrade – Palácio Cristal – Porto; - Viagem – Ilha de Moçambique – Fundação Júlio Resende – Gondomar no Centro Cultural de Maputo, Moçambique; 2006 – “20 artistas no 20º aniversário” na Galeria de Exposições dos Paços da Cultura de S. João da Madeira; 2014- Bienal de Gaia.

No estrangeiro, entre outras, participou em 1981, Artistas de Oporto - integrada na Semana Cultural Luso Galaica, Vigo Espanha; 1982 Quatro Dias da Cultura Portuguesa - Sevilha, Espanha; 1985 ARCO / 85 - (Módulo), Madrid, Portuguese Contemporary Artists - One World Trade Center, New York; 1986 ARCO / 86 - (Módulo), Madrid, Artistes du Nord du Portugal, Quinzaine Portugaise - Galerie de l'Abbaye, Echternach, Luxemburgo, ART'17 / 86 - (Módulo), Basel, Suíça; 1987 ARCO / 87 - (Módulo), Madrid ART'18 / 87 - (Módulo), Basel, Suíça, Exposição de Desenho Ilustrativo da “Declaração dos Direitos do Homem - ONU, Génève, Suíça, EIAMI87,

II Exposição Ibérica de Arte Moderna - Campo Maior, Portugal e Museo de Arte Contemporaneo de Cáceres, Espanha; 1988 ART'19 / 88 - (Módulo), Basel, Suíça; 1993 CumplicIDADES - Recife, Natal, João Pessoa e Aracaja, Brasil; 1994 Zeitgenossische Kunst aus Portugal - Wiesloch, Bonn, Stuttgart, Heidelberg, Amarante e Matosinhos (exposição itinerante), El Duero que nos Une - Arte Contemporaneo Português y Castelhan - Leinés, Zamora, Colégio Universitário e Salamanca, Palácio de Congressos y Exposiciones - Espanha; 1995 Ilustração para "88 leituras sobre Macau" - Macau, Art. Exchange '96, Lauchester Gallery, Coventry, Inglaterra.

A partir de 1996, o seu trabalho articulou-se entre viagens e exposições no estrangeiro, particularmente na Índia, com exposições na Galeria de Exposições da Fundação Oriente, em Goa (exposição inaugural da Galeria), com o título Six Universes in the Universe, no Brasil no Paço Imperial do Rio de Janeiro; em 1997, na Galeria da Embaixada de Portugal em Brasília e Galeria Metropolitana de Arte do Recife, Brasil, na Galeria do Forum em Macau com a exposição "Sinais"; em 1998 em Cabo Verde no Centro Cultural Português, na Praia e Mindelo, com a exposição "Marcas da Ilha do Fogo" e no Brasil em Belém do Pará, no Museu do Estado e no Centro de Artes UFF de Niterói, com a exposição itinerante "Dimensão do Desenho"; em 1999 no Chile, no Museu de Belas-Artes, em Santiago do Chile, com a exposição "Dimensión del Dibujo" e em Moçambique, no Centro Cultural Português, de Maputo com a exposição "Desenho como Dizer"; 2004 - Viagem - Ilha de Moçambique no Centro Cultural de Macau, China. 2010 - Desenho Português no Egípto, Palácio Amir, Taz, Cairo, Egípto.

Colecções Instituições Públicas

Está representado em Instituições Públicas: Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa - Banco Português de Negócios - Caixa Geral de Depósitos - Fundação Oriente - Bolsa de Valores de Lisboa e Porto - Banco Comercial Português - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto Câmara Municipal de S. João da

Madeira - Câmara Municipal de Fafe - Central Banco de Investimento, S.A., Centro Cultural de Macau, R. P. China. Banco Bausparkasse Schwabisch - hall, Bonn, Alemanha.

Obras Públicas

Tem obras públicas em cerâmica na Fábrica Simoldes em Valenciennes, França, no Jardim Público da Ponte, Parque de estacionamento da Rua João de Deus e Viaduto da Entrada Nascente - S. João da Madeira e Farmácia Santo António, em Guimarães. Vitrais, Escultura em Grés, Mosaico e Têmpera nas Igrejas de Ribeirão - Famalicão, Barcelinhos - Barcelos e S. Lázaro - Braga - Capela do Parrinho em S. João da Madeira.

Residência Atelier

Reside e tem Atelier na Rua do Condestável, 504 em S. João da Madeira.

e-mail: victormanuelcosta@gmail.com

www.victorcosta.com.pt

Índice de obras

pp. 18-19

Sem título, 1982

Acrílico sobre papel colado em latex
120x100cm
Coleção António F. A. Oliveira

Sem título, 1983

Óleo sobre tela
130x90cm
Coleção particular

pp. 20-21

Sem título, 1983

Óleo sobre tela
130x90cm
Coleção particular

Sem título, 1985

Óleo sobre tela
150x180cm
Coleção Miguel Cardoso

pp. 22-23

Sem título, 1985

Acrílico sobre tela
150x180cm
Coleção particular

Sem título, 1985

Óleo sobre tela
200x170cm
Coleção particular

pp. 24-25

Sem título, 1986

Óleo sobre tela
200x170cm
Coleção do artista

Sem título, 1986

Óleo sobre tela
150x180cm
Coleção do artista

pp. 26-27

Sem título, 1986

Óleo sobre tela
200x170cm
Coleção particular

Sem título, 1986

Óleo sobre tela
200x170cm
Coleção particular

pp. 28-29

Sem título, 1986

Óleo sobre tela
200x170cm
Coleção particular

Sem título, 1986

Óleo sobre tela
170x130cm
Coleção do artista

pp. 32-33

Sem título, 1987

Óleo sobre tela
81x116cm
Cortesia Pedro Silva

Sem título, 1991

Acrílico sobre tela
130x160cm
Coleção particular

pp. 34-35

Sem título, 1991

Acrílico sobre tela
130x160cm
Coleção particular

Sem título, 1992

Acrílico sobre tela
170x170cm
Coleção Mafalda Oliveira

pp. 36-37

Sem título, 1992

Acrílico sobre tela
130x150 cm
Coleção do artista

Sem título, 1992

Pintura sobre tela
130x160 cm
Coleção do artista

p. 38

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
42x32cm
Coleção particular

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
42x32cm
Coleção particular

p. 39

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
42x32cm
Coleção particular

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
42x32cm
Coleção Zulmiro de Carvalho

p. 41

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
61x50cm
Coleção Pedro Sá Ramalho

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
61x50cm
Coleção particular

p. 42

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
61x50cm
Coleção particular

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
61x50cm
Coleção particular

p. 43

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
61x50 cm

Coleção particular

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
61x50cm
Coleção particular

pp. 44

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
42x32m
Coleção António F. A. de Oliveira

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
42x32m
Coleção do artista

p. 45

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
170x170cm
Coleção do artista

pp. 46-47

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
170x170cm
Coleção do artista

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
170x170cm
Coleção particular

pp. 48-49

Sem título, 1993

Acrílico sobre tela
170x25cm (díptico)
Coleção Manuel Rodrigues

Sem título, 1994

Acrílico sobre tela
100x81cm
Cortesia de Ricardo Figueiredo

pp. 52-53

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela
100x120cm
Cortesia de Daniel Fernandes

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela
140x120cm
Coleção particular

pp. 54-55

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela
61x50cm
Cortesia de João Almeida

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela
170x170cm
Coleção do artista

pp. 56-57

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela
140x120cm
Coleção Miguel Cadilhe

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela

140x120cm

Coleção particular

pp. 58-59

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela

140x120cm

Cortesia de Manuel Alves Monteiro

Sem título, 1997

Acrílico sobre papel

12 peças: 70x50 cm

Coleção do artista

pp. 60-61

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela

140x120cm

Cortesia de Amadeu M. Guimarães

Sem título, 1997

Acrílico sobre tela

85x170cm

Cortesia de Luís Miranda

p. 63

Sem título, 1998

Acrílico sobre papel

76x57cm

Coleção particular

Sem título, 1998

Acrílico sobre papel

76x57cm

Coleção particular

p. 64

Sem título, 1998

Acrílico sobre papel

76x57cm

Coleção M. Castro Almeida

Sem título, 1998

Acrílico sobre papel

76x57cm

Coleção particular

pp. 66-67

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

170x150cm

Coleção CMVM Porto

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

100x120cm

Coleção Rui Mendonça

pp. 68-69

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

170x150cm

Cortesia de Regina Bastos

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

170x150cm

Cortesia de Filipe Mateus

pp. 70-71

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

150x180cm

Cortesia de Regina Bastos

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

100x120cm

Coleção Albertino Silva

pp. 72-73

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

100x120cm

Cortesia de José Rodrigues

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

61x50cm

Coleção particular

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

61x50cm

Cortesia de Paulo Anacleto

p. 74

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

61x50cm

Coleção Francisco Gonçalves

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

61x50cm

Cortesia de Aníbal Lemos

pp. 76-77

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

170x170cm

Coleção do artista

Sem título, 2000

Acrílico sobre tela

170x170cm

Coleção do artista

pp. 78-79

Sem título, 2001

Acrílico sobre tela

170x170cm

Coleção Albertino Silva

Sem título, 2004

Acrílico sobre tela

120x140cm

Cortesia de Paulo Anacleto

p. 81

Sem título, 2004

Acrílico sobre tela

200x220cm

Cortesia de Almerindo Silva

pp. 82-83

Sem título, 2004

Acrílico sobre tela

170x170cm

Cortesia de António Marques Pinto

Sem título, 2004

Acrílico sobre tela

180x140cm

Cortesia de Jorge Oliveira

p. 84

Sem título, 2004

Acrílico sobre contraplacado

110x110cmx8cm

Coleção do artista

pp. 86-87

Sem título, 2006

Técnica mista sobre papel

76x250cm

Coleção do artista

Sem título, 2006

Técnica mista sobre papel

76x250cm

Coleção do artista

pp. 88-89

Sem título, 2007

Acrílico sobre tela

110x300cm (díptico)

Coleção Município de S. João da

Madeira

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

81x100cm

Coleção Carlos Tavares

pp. 90-91

Sem título, 2007

Acrílico sobre papel

110x150cm

Cortesia de Joaquim Azevedo

Sem título, 2007

Acrílico sobre tela

70x210cm

Coleção António F. A. Oliveira

pp. 94-95

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela

85x170cm

Coleção do artista

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

130x220cm (díptico)

Coleção CM. Matosinhos

pp. 96-97

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

130x150cm

Coleção Miguel Cadilhe

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

140x180cm

Coleção do artista

pp. 98-99

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

110x110cm

Coleção Artur Santos Silva

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

180x200cm

Coleção Artur Santos Silva

pp. 100-101

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

140x240cm

Coleção Município de S. João da
Madeira

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
140x170cm
Coleção António M. Cardoso

pp. 102-103

Sem título, 2008

Acrílico sobre Contraplacado
110x110cm
Coleção do artista

Sem título, 2008

Acrílico sobre Contraplacado
120x280cm (díptico)
Coleção do artista

pp. 104-105

Sem título, 2008

Acrílico sobre papel
100x150cm
Cortesia de M. Castro Almeida

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela
85x170cm
Coleção do artista

pp. 106-107

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela
80x60cm
Cortesia de Ana M. Mendes

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela

200x120cm
Cortesia de Pedro Sá Ramalho

pp. 108-109

Sem título, 2008

Acrílico sobre tela
100x120cm
Coleção do artista

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
140x170cm
Cortesia de António Válega

pp. 110-111

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
140x170cm
Coleção particular

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
200x200cm
Coleção do artista

pp. 112-113

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
144x144cm
Coleção Carlos Tavares

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
150x200cm
Coleção Miguel Champalimaud

pp. 114-115

Sem título, 2010

Acrílico sobre tela
110x110cm
Coleção do artista

Sem título, 2011

Acrílico sobre tela
143x95cm
Coleção particular

pp. 116-117

Sem título, 2010

Acrílico sobre papel
70x50 cm
Cortesia de Manuel Afonso Vaz

Sem título, 2010

Acrílico sobre tela
140x140cm
Coleção do artista

pp. 118-119

Sem título, 2011

Acrílico sobre tela
95x143cm
Coleção particular

Sem título, 2011

Acrílico sobre tela
140x120 cm
Coleção particular

pp. 120-121

Sem título, 2011

Acrílico sobre tela
120x160cm
Coleção do artista

Sem título, 2011

Acrílico sobre papel
70x100cm
Coleção particular

pp. 122-123

Sem título, 2011

Acrílico sobre tela
70x100cm
Coleção do artista

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
170x140cm
Coleção do artista

pp. 124-125

Sem título, 2009

Acrílico sobre tela
200x130cm
Coleção do artista

Sem título, 2014

Acrílico sobre papel
150x230 cm
Coleção do artista

pp. 126-127

Sem título, 2015

Acrílico sobre tela
70x100 cm
Coleção do artista

Sem título, 2016

Acrílico sobre tela
100x150 cm
Coleção do artista

pp. 128-129

Sem título, 2015

Acrílico sobre tela
40x50 cm
Coleção do artista

Sem título, 2015

Acrílico sobre tela
40x50 cm
Coleção do artista

Sem título, 2015

Acrílico sobre tela
40x50 cm
Coleção do artista

pp. 130-131

Sem título, 2015

Acrílico sobre madeira
50x40 cm
Coleção do artista

Sem título, 2015

Acrílico sobre madeira
50x40 cm
Coleção do artista



